

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica do
professor Paulo Nuno Vicente

*“A mente que se abre a uma nova ideia,
Jamais volta ao seu tamanho inicial”*

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

A realização deste Relatório de estágio só foi possível graças à colaboração e ao contributo, de forma direta ou indireta, de várias pessoas, às quais gostaria de exprimir algumas palavras de agradecimento e profundo reconhecimento:

À minha Família, em especial aos meus pais, à minha irmã, à minha tia e avós, um enorme obrigado por me apoiarem incondicionalmente e por acreditarem sempre em mim e naquilo que faço. Espero que esta etapa, que agora chega ao fim, possa, alguma vez retribuir e compensar todo o esforço, carinho, apoio e dedicação que sempre ofereceram. Em especial, ao meu avô, que já não está presente, um especial obrigado por sempre incentivar os netos a percorrerem um percurso académico e por nos ensinar que nunca se deve desistir. “Sigam sempre os vossos sonhos!”.

Ao meu namorado e amigos, que nas longas noites de loucura e desespero, estiveram ao meu lado e nunca me deixaram desistir.

Aos meus colegas no *Correio da Manhã*, pela ajuda, pelos conselhos, por estarem sempre presentes, por não me abandonarem na “linha de fogo” e por me terem tornado numa profissional.

Ao meu orientador, Paulo Nuno Vicente, pelos conselhos e dicas que me fizeram ir mais além para elaborar este relatório.

À Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, porque sem esta instituição não seria possível.

À Cofina, por me acolherem de braços abertos e considerarem-me uma “igual” e não uma mera estagiária.

Ao meu colega, parceiro e grande amigo, Diogo Torres, que me tem acompanhado nas fases mais importantes da minha vida. Um amigo que partilhou dúvidas, receios e incertezas que se iam atravessando nos nossos caminhos. Que percorreu ao meu lado esta etapa fantástica mas, também cansativa, da nossa vida.

A todos, a minha eterna gratidão.

**Jornalismo de proximidade e imprensa escrita: o caso da secção Portugal no
diário *Correio da Manhã***

**[Proximity journalism and the written press: the case of Portugal section in the daily
CORREIO DA MANHÃ]**

Zahra Jivá

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: “Acontecimento, Agências de Notícias, *Correio da Manhã*, Estágio, Notícia, Jornal impresso, Jornalista de proximidade”

Elaborado no âmbito do Mestrado em Jornalismo, este relatório de estágio procura relatar a experiência de três meses a trabalhar para a secção ‘Portugal’ do jornal *Correio da Manhã*. Irei também fazer uma reflexão sobre as mudanças que, atualmente, o jornalismo vive, mas ao mesmo tempo tentar perceber qual o papel do jornalista em fornecer notícias aos leitores. É necessário compreender quais os meios que utiliza para chegar à notícia. Tem como objetivo perceber se a secção ‘Portugal’ no diário impresso, *Correio da Manhã*, ainda tem a necessidade de enviar os jornalistas ao local do acontecimento ou se apenas aguardam que a notícia chegue por outros meios, como a Internet e agências noticiosas.

ABSTRACT

KEYWORDS: “*Correio da Manhã*”, Event, Internship, News, Newspapers, News Agencies, Proximity journalism

Developed within the Master in Journalism, this internship report seeks to combine the experience of three months working for ‘Portugal’ section of the newspaper *Correio da Manhã* with a reflection on the changes that currently journalism lives. But at the same time I will try to understand what the journalist’s role in providing news to readers. It is necessary to understand what means they use to obtain news. It is aim to realize if the section of ‘Portugal’ in the printed journal *Correio da Manhã*, still has the need to send reporters to the scene or if they just wait for the news to reach by other means such as Internet and news agencies.

ÍNDICE

Introdução.....	6
Capítulo I: Enquadramento conceptual	7
I. 1.1 A comunicação	8
I. 1.2 Informação.....	10
I. 1.3. Media	11
I. 1.4. Profissão de jornalismo	13
I. 1.5. Definição de notícia	14
I. 1.6. Definição de acontecimento	15
I. 1.7. A intenção na notícia	17
I. 1.8. Objetividade.....	20
I. 1.9. A seleção de notícias	22
I. 1.10. O tempo na criação de notícias	23
I. 1.11. Produção social de notícias.....	24
I. 1.12. O crime como notícia	26
I. 1.13. Jornalista no local	28
I. 1.14. Convergência dos meios	29
I. 1.15. Dependência nas agências noticiosas	31
Capítulo II: Caso Correio da Manhã	35
II. 2.1. Grupo Cofina.....	35
II. 2.2. Correio da Manhã.....	36
II. 2.3. Publicação periódica.	38
II. 2.4. Secção ‘Portugal’.	38

Conclusão	48
Bibliografia	49
Anexos	54
Entrevista a Miguel Martins.....	55
Entrevista a Rui Vieira.	57
Entrevista a Sara Carrilho.....	59
Entrevista a Magali Pinto.	61
Gráficos.....	63
Trabalhos realizados no estágio.....	65

Introdução

Os meios de comunicação detêm uma função de extrema importância na sociedade, através da recolha, tratamento e divulgação de informação, considerando também os fatores e acontecimentos que de acordo com certas características se tornam em notícias.

O poder que reúnem em si é imenso, pois é, principalmente, através destes que os indivíduos se mantêm informados acerca dos acontecimentos em todos os campos da sociedade, o que leva a uma necessidade de tratamento da informação bastante cuidadosa sob pena de não relatarmos, imparcialmente e objetivamente, os acontecimentos que cobrem.

No presente relatório analiso o meu estágio curricular, com a duração de três meses (de outubro de 2013 a janeiro de 2014), elaborado no *Correio da Manhã*, na secção 'Portugal', do jornal impresso, onde aprofundei e pus em prática conhecimentos adquiridos ao longo do meu percurso académico. Este trabalho representa a última etapa para a conclusão do mestrado em Jornalismo realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Como objetivos gerais do trabalho pretendo abordar a importância que o jornalista tem em observar os acontecimentos e em estar presente no local onde tudo decorre. Tendo em conta, a convergência dos meios de comunicação fui observando que algumas secções do jornal impresso se baseavam muito em agências noticiosas ou até mesmo, na Internet. Para tal, pretendo explorar de que forma o jornalista dá conta das notícias que surgem no decorrer do dia.

Capítulo I – Enquadramento Conceptual

No século XV, surgiu a técnica de impressão do inventor alemão Gutenberg, que criou a civilização da impressão, ou a «Galáxia de Gutenberg» como lhe chamou McLuhan (Quintero, 1994:29). Esta nova técnica levou ao aparecimento da imprensa e consequentemente permitiu que houvesse uma abertura para os meios de comunicação, como a rádio, televisão e mais tarde, a Internet.

Foi, no entanto, com o fenómeno da Internet, que grandes transformações foram sentidas em todos os campos da sociedade, o jornalista assume uma grande responsabilidade na “criação” de notícias, e é constantemente posto à prova, existindo assim constantes desafios a alcançar e ultrapassar.

Os indivíduos da atual sociedade de informação e comunicação exigem saber o que se passa no momento imediato do acontecimento, o que leva a uma grande pressão para os jornalistas, que têm que cobrir o acontecimento, com precisão e certeza, algo que decorre em segundos. A Internet, por sua vez, trouxe essa possibilidade que por um lado, ajuda o trabalho do jornalista, mas também lhe dificulta a vida, não só porque os meios tradicionais de comunicação tiveram e têm ainda um longo caminho de adaptação pela frente para continuarem a ser privilegiados na difusão de informação como esta tem de ser atualizada ao segundo, o que “apressa” o jornalista, que por vezes “não tem tempo” para desempenhar o seu papel na perfeição.

É então no contexto deste complexo panorama que se insere este relatório. Ao longo do meu período de estágio de três meses na secção ‘Portugal’ do *Correio da Manhã* pude observar o que se passa no centro da organização, sobretudo, no que concerne à questão de que caminhos deve o jornalista seguir ao escrever para o jornal impresso. Em que medida, o jornalista conseguia combater a informação que em segundos chegava à Internet. De que forma então, o *Correio da Manhã* conseguia manter o leitor interessado ao ponto de comprar a edição no dia seguinte, com notícias que provavelmente já tinham aparecido na Internet.

As perguntas a que me proponho tentar responder face a tantas problemáticas que foram aparecendo com a Internet são: Como pode então um jornal competir com estas barreiras que se vão atravessando no seu caminho? O jornalismo tradicional de imprensa encontra-se perto do seu fim?

Para tentar responder da forma mais adequada possível, utilizei as minhas experiências e dados recolhidos nos três meses que passei enquanto jornalista a tempo inteiro da secção 'Portugal', bem como entrevistas com os responsáveis e colegas que fazem parte da equipa do *Correio da Manhã*.

Para contextualizar o surgimento da imprensa na Europa é importante perceber que foi Gutenberg que revolucionou a imprensa como a conhecemos.

“Deu dois contributos genuínos: a fundição dos tipos num molde metálico que permitia dispor as centenas ou milhares de caracteres necessários para compor uma obra; e a criação de um braço suficientemente longo para cada carácter de forma a poder ser manejado e colocado junto a outros para formar palavras e frases”
(Quintero, 2004: 37)

Esta foi a técnica que “permaneceu praticamente invariável até aos nossos dias” (Quintero), a nível de impressão dos jornais e outras obras escritas.

Quintero (1994: 56) aponta dois períodos chaves no desenvolvimento da imprensa tradicional. O primeiro, no final do século XVI e todo o século XVII, quando a imprensa periódica começou a aparecer e a desenvolver-se. O segundo, período chave foi no século XVIII, quando a imprensa chega a um patamar de maturidade na Europa, “que permitiu o grande salto industrial do século XIX, durante o qual as necessidades da imprensa diária introduziram as primeiras modificações importantes na técnica de Gutenberg, fazendo-a progredir com passos de gigante”.

1.1 A Comunicação

A comunicação existe desde sempre. Comunicar algo é inerente ao ser humano, um ato que faz parte do homem, uma função essencial na relação que

desempenha perante os outros, na sociedade em que está inserido. Sendo um conceito tão abrangente, em primeiro lugar convém defini-lo de um modo geral.

Assim, de acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa, comunicar é “dar a conhecer, divulgar, anunciar, informar, transmitir algo, pôr-se em comunicação ou em relação com, relacionar-se, exprimir-se, falar”. Comunicar é algo tão comum que muitas vezes nem sabemos como defini-lo, pelo facto de significar tanto e de pertencer tão intrinsecamente ao homem.

“Etimologicamente comunicar significar tornar comum. Comunicar tem a mesma raiz que comunidade e comum (do latim communis), o que significa que ao comunicarmos estamos a colocar qualquer coisa em comum. Implica uma relação de partilha, de passagem do individual ao coletivo, o que implica uma troca de mensagens carregadas de significado” (Cruz, 2002: 12)

Interessa relacionar a comunicação com o universo jornalístico, conceitos intimamente ligados, aliás, um não existiria sem o outro, tem em conta que a função dos meios de comunicação, como o próprio nome indica, é comunicar, é de extrema importância apontar que existem vários tipos de comunicação, que resultam e são utilizados de acordo com as nossas capacidades físicas e intelectuais e que resultam da ideia ou sentimento que queremos transmitir, partilhar com outro indivíduo. A comunicação pode assumir diversas formas: verbal, não verbal.

A comunicação verbal é realizada através da fala, da oralidade, da escrita, seja uma notícia, uma carta escrita a um amigo enquanto a transmissão de ideias de modo não verbal tem que ver com a utilização de gestos por parte dos indivíduos para exprimirem uma ideia. Interpessoal relaciona-se, por exemplo, com uma conversa entre duas ou mais pessoas e ainda “quando nos socorremos de um dispositivo técnico, como acontece quando falamos através de um microfone (...) ou através de um telefone ou da televisão” (Cruz, 2002: 13).

Segundo Cruz (2002: 14) é o funcionamento da comunicação intrapessoal que permite a comunicação interpessoal, tendo em conta que se não se desencadeassem certas reações dentro de nós, não teríamos essa necessidade de partilha, de transmissão de ideias, pensamento, da mímica para demonstrar estados de espírito e opiniões.

Outra das formas de comunicar existentes é a comunicação interativa no quadro dos grupos primários, família, pessoas próximas, com quem a comunicação adquire contornos muito próprios, através da utilização de alguns códigos específicos resultantes do “algo em comum”.

Considerando o projeto que estou a desenvolver, não é possível concluir o que é a comunicação sem referir, a grande contribuição de Harold e Lasswell e o seu modelo de comunicação, tão importante para a sociedade em geral e principalmente para os profissionais da comunicação. Através do modelo, emissor (quem), mensagem (diz o quê), meio (através de que canal), recetor (a quem) e efeitos (com que efeitos).

Este modelo verbal foi realizado “com o intuito de estudar os vários aspetos do processo da comunicação e a forma como as mensagens vão perdendo informação ao longo do seu processo de transmissão” (Cruz, 2002: 18), através das cinco perguntas e respostas enunciadas acima. É um modelo muito importante para os meios de comunicação porque explica de forma sintética o processo comunicativo, ou seja, a função dos media, adaptando-se a cada um.

1.2 Informação

A sociedade atual é uma sociedade de comunicação e informação, em que a última é utilizada incessantemente, procurada incansavelmente pelos indivíduos. A informação faz parte da vida dos indivíduos, acompanhando-nos do nascimento até à morte. É dada pelos mais próximos como a família, na forma de conselhos, avisos, transmissão de ideias, notícias, através da experiência escolar, onde temos acesso a toda a informação relacionada com os vários campos da sociedade, desde a Antiguidade até ao presente. Para este relatório interessa referir a informação que é dada pelos jornalistas e que é recebida pelos indivíduos, o público, a audiência, os leitores, os ansiosos por informação.

Neste caso, os acontecimentos, de preferência espontâneos, são tratados e difundidos pelos jornalistas nos quais, os indivíduos recebem e lidam, criticando, assimilando, formando opiniões.

No entanto, como é garantida aos cidadãos que a informação a que têm acesso é correta, objetiva e transparente? De acordo com a alínea dois do artigo 2º da Lei da Imprensa é possível verificar:

“O direito dos cidadãos a serem informados é garantido, nomeadamente através: a) De medidas que impeçam níveis de concentração lesivos do pluralismo da informação; b) Da publicação do estatuto editorial das publicações informativas; c) Do reconhecimento dos direitos de resposta e de retificação; d) Da identificação e veracidade da publicidade; e) Do acesso à Alta Autoridade para a Comunicação Social, para salvaguarda da isenção e do rigor informativos; f) Do respeito pelas normas deontológicas no exercício da atividade jornalística”.

A informação é assim um bem precioso que tem de ser utilizada com cuidado, tendo em conta que nela estão contidos direitos e deveres, que através dela pode começar uma guerra, que sem a mesma não passaríamos de ser vazios.

Jorge Pedro Sousa explica que a informação provém de todos os acontecimentos socialmente importantes:

“Informar, jornalisticamente falando, também significa noticiar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes. Os acidentes, os casos de polícia, o desporto, a moda, o património natural e histórico, o comportamento da bolsa, a informação de serviços, os testes comparativos para ajudar o consumidor a fazer as melhores escolhas são alguns dos muitos exemplos de temáticas abordadas pela imprensa jornalística” (SOUSA, 2001: 13,14)

1.3 Media

Nunca é demais sublinhar que os media, os meios de comunicação, fazem parte da sociedade e é através deles, tradicionais e digitais, que a maior parte da informação chega até aos indivíduos. Como definir estes meios? No geral e indo à origem da palavra, um meio é um veículo, um canal através do qual algo atravessa para chegar a algum lado. Neste caso são veículos, meios da já referida função primordial e essencial aos indivíduos, a comunicação.

Podemos considerar meios de comunicação a imprensa, a rádio e a televisão, a nível analógico ou tradicional e posteriormente, a Internet e tudo o que dela advém,

tudo o que o fenómeno possibilitou seja os complementos aos meios tradicionais na Web, com os *sites* dos jornais, das estações de rádio, dos canais de televisão que permitem que a “estória” continue a ser contada, pois na Internet pode armazenar-se tudo, sem a ocupação de espaço e o leitor, o indivíduo que a usa para obter informação, pode pesquisar o que quiser, pela ordem que preferir.

Também os dispositivos digitais tais como os gravadores, *Ipad's* e *Iphones*, tudo o que permita a veiculação da informação, da comunicação. O fenómeno da Internet foi o grande responsável pela revolução nos meios de comunicação pois, levanta novos desafios, que alguns consideram como aquilo que poderá ser o fim dos meios tradicionais, outros acreditam que será uma reinvenção dos mesmos, um ajuste aos tempos atuais.

Sabemos que os meios de comunicação têm um enorme poder pois, estão tão incluídos no mundo moderno que acabam por transformar de forma radical os modos de existência dos indivíduos (Cruz, 2002: 19) principalmente por “alterarem profundamente as formas de entretenimento e de preenchimento dos ócios” (Cruz 2002: 19). Podemos assim apontar a informação e o entretenimento como principais funções dos meios de comunicação, mas se revelando o poder dos meios de comunicação.

Mas, que funções se atribuem aos media? Lasswell atribuiu-lhes funções clássicas, que foram desenvolvidas por Charles Wright, sendo então a vigilância do meio, a correlação das partes sociais – crítica, explicação, interpretação – e a transmissão da herança social (Cruz, 2002:30).

A vigilância do meio tem que ver com o serviço prestado pelos meios de comunicação em termos de aviso e cobertura de catástrofes, acidentes e perigos vários, fornecendo explicações sobre como agir e até como interpretá-los, e pelo facto de cobrirem grande parte dos acontecimentos da sociedade isso torna-os os vigilantes que nunca dormem na comunidade em que estão inseridos.

Os media transmitem informações importantes que contribuem para as opiniões dos indivíduos, que acaba por ser uma espécie de educação, um processo de

socialização, ou seja, ajudam à formação do carácter do mesmo, é neste sentido que se fala da transmissão da herança social.

1.4 – Profissão de jornalismo

É de extrema importância definir então, quem é o profissional da comunicação de acordo com a lei, pois não faltam conceções acerca da realidade do mesmo, acerca das suas funções, relativamente ao facto de ser um simples difusor de informação, um peão num jogo de poderes, um investigador, um contador de histórias.

De acordo com a primeira alínea do artigo 1º. do Estatuto do Jornalista, (Lei nº. 1/99 de 13 de Janeiro), da Comissão da Carteira Profissional do Jornalista:

“São considerados jornalistas aqueles, que como ocupação principal, permanente e remunerada, exercem com capacidade editorial funções de pesquisa, recolha, seleção e tratamento de factos, notícias ou opiniões, através de texto, imagem ou som, destinados a divulgação, com fins informativos, pela imprensa, por agência noticiosa, pela rádio, pela televisão ou por qualquer outro meio eletrónico de difusão”

Os jornalistas têm deveres e direitos fundamentais, instituídos no mesmo estatuto e ainda no Código Deontológico do Jornalista. Constituem direitos fundamentais a liberdade de expressão, de acesso às fontes de informação, entre outros. Os deveres podemos enunciar o da proteção e confidencialidade das fontes, de informar, de não discriminar.

O jornalista tem que ter cuidado no tratamento de informação e na seleção dos conteúdos. Deve encarar a profissão com seriedade e respeito, a fim de contribuir para uma imagem transparente e valorizada.

Ser jornalista é assim uma profissão de grande responsabilidade pela função educativa, informativa e de entretenimento que o profissional tem em si. O jornalista tem que tratar a informação com cuidado, mas sem seleccionar apenas o que lhe interessa a si ou ao meio onde trabalha.

1.5 – Definição de notícia

De acordo com Mar de Fontcuberta, a notícia é um modo de ver, perceber e conceber a realidade. É um autêntico sintoma social e a análise da sua produção lança imensas pistas sobre o mundo que nos cerca (Fontcuberta, 1993: 12).

Jorge Pedro Sousa (1999: 3) refere o que escreveu Michael Shudson na sua obra acerca do poder dos media, para referir três tipos de forças que explicam as notícias – a ação social, pessoal e cultural.

O autor utiliza essas três ações e acrescenta-lhe a ação ideológica, do meio físico e tecnológico e a ação história, para referir essa explicação das notícias.

No que diz respeito à ação pessoal, as notícias são o resultado, em parte, das pessoas, atitudes e intenções das mesmas (Sousa, 1999: 4), o que basta observarmos à nossa volta. A maior parte destes acontecimentos noticiosos a que assistimos diariamente na televisão, ouvimos na rádio ou lemos nos jornais são provocados por indivíduos, acontecem a alguém ou terão consequências em pessoas.

Relativamente à ação social, as notícias “são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social, particularmente do meio organizacional, em que foram construídas e fabricadas” (Sousa, 1999: 4). As notícias ocorrem na sociedade, têm a ver com tudo o que relacione o sistema social e o meio de organização, seja a falta de professores nas escolas, ou organizações envolvidas em escândalos, tudo o que aconteça na sociedade e que tenha algum interesse em ser difundido para a mesma sociedade.

No que concerne à ação ideológica que Sousa acrescenta ao modelo de Shudson, o primeiro afirma que “as notícias são originadas por forças de interesse que dão coesão aos grupos seja esse interesse consciente e assumido ou não” (1999: 4).

As notícias podem também ser explicadas através de uma força cultural. Sousa através de Shudson refere que as mesmas “são um produto do sistema cultural em que são produzidas” (1999: 4), ou seja, esses factos resultam, em variados locais e de acordo com várias abordagens, da vertente cultural, podendo estar relacionadas, com

tradições e que por vezes, ao serem vistas em contextos diferentes, podem chocar, surpreender ou ser incompreendidas.

Outra das ações que Sousa acrescenta prende-se com o meio físico e tecnológico, referindo então o autor que “as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos que são usados no seu processo de fabrico e do meio físico em que são produzidas” (1999: 4) o que significa, por exemplo, que um acontecimento pode ter grande interesse mas que, se não existirem imagens para a televisão, relatos para a rádio, descrição dos factos corretos para a imprensa, não existe notícia.

Por fim, Sousa enuncia a ação histórica como explicação, afirmando que “as notícias são um produto da história, durante o qual interagiram as restantes cinco forças que enformam as notícias que temos” (1999: 4).

1.6 – Definição de acontecimento

Um acontecimento é aquilo que tem lugar no quotidiano, todos os dias, em todos os lugares.

“No discurso jornalístico, o acontecimento constitui o referente de que se fala, o efeito de realidade da cadeia dos signos, uma espécie de ponto zero da significação. Por isso, uma das regras da prática jornalística consiste em afirmar que a opinião é livre mas que os factos são soberanos” (Rodrigues in Traquina, 1999: 27).

Apercebemo-nos assim que são os factos, as ocorrências que estão no centro da atividade jornalística. Podemos, no entanto afirmar que nem todos os factos, nem todos os acontecimentos se tornam em notícias.

Adriano Duarte Rodrigues, no artigo “O Acontecimento” que está transcrito na obra de Nélon Traquina refere, “é acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais” (1999: 27) o que clarifica que nem todos os factos são acontecimentos, apenas aqueles que conseguem sobressair da totalidade de ocorrências que acontecem na sociedade.

Sendo que nem todos os acontecimentos são dignos de se transformarem em notícias, o que será que o jornalista deve ‘preferir’?

O mesmo autor afirma “é em função da maior ou menor previsibilidade que um facto adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidade tem de se tornar notícia” (1999: 27). Assim, tendo em conta a minha experiência durante o estágio no *Correio da Manhã*, como exemplo, um acidente de automóvel, em que não há feridos e não há um grande aparato, os condutores seguem as suas vidas, não é um acontecimento que normalmente seja noticiado.

No entanto, poderia ser um acontecimento se os protagonistas do acidente fossem figuras públicas, ou se o carro tivesse ficado danificado e o fotojornalista tivesse conseguido uma boa fotografia, ou se existisse alguma polémica relativamente à companhia de seguros que tratou da ocorrência; este acontecimento teria importância para o jornalista.

De que forma os acontecimentos se tornam em registos notáveis? Podemos referir três tipos: o registo do excesso, o da falha e o da inversão (Rodrigues in Traquina, 1999: 28).

Quanto ao excesso, este é o “mais corrente visto ser irrupção por excelência do funcionamento anormal da norma, emergência escandalosa de marcas excessivas do funcionamento normal dos corpos” (idem).

Como exemplo, uma história que acompanhei desde o início: “A tragédia no Meco”. Esta história tem que ver com o desaparecimento de seis alunos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que num fim de semana na praia do Meco, em Sesimbra, foram engolidos por uma onda, durante a madrugada de 15 de dezembro. É uma história que não passa indiferente por toda a controvérsia que tem gerado. O que realmente interessa referir deste caso para a presente notabilidade do acontecimento, do “excesso”, teve que ver com a polémica gerada em torno do “excesso” provocado pelas praxes praticadas por estes alunos. Este é um acontecimento que tem vindo a ser noticiado exaustivamente, tornando-se ainda mais importante para a verificação dos factos. [Ver anexo em página 67]

“Um outro registo de notabilidade do acontecimento é a falha” (Rodrigues in Traquina, 1999:28). Falha de quem ou do quê? De tudo o que se possa imaginar, desde “o revólver que ficou encravado no momento em que o agressor executa a agressão” (idem), por exemplo, o ladrão que fica trancado dentro do estabelecimento que iria assaltar. Esta falha, pelo insólito, pelo anormal, é uma grande arma para o jornalista que a capta, pois provocará uma emoção à sua audiência.

Por fim, a inversão, com base no exemplo que o autor Adriano Duarte Rodrigues refere (in Traquina, 1999:28). “Quando um militar dispara sobre o general no momento em que este passa revista às tropas em parada, produz-se um acontecimento jornalístico pelo facto de se tratar de uma inversão no corpo militar”.

1.7 – A intenção na notícia

É através das já definidas notícias que o jornalista atua, desempenha o seu papel e é depois vangloriado ou criticado por isso. É a forma como o jornalista ‘produz’ as notícias que o definem no universo da comunicação. Para tal, tem uma intenção na sua criação.

Um estudo dos autores Molotch e Lester, transcrito na obra ‘Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”’, de Néelson Traquina mostra a existência de “certas diferenças importantes nos modos como as ocorrências ascendem ao estatuto de acontecimento público”. De acordo com os autores podemos evidenciar quatro tipos de acontecimentos públicos: os de rotina, os acidentes, os escândalos e o *serendipity*.

Os acontecimentos de rotina são, como o nome indica, aqueles que acontecem normalmente, sendo que o “protótipo é a declaração de conferência de imprensa” (Molotoch & Lester in Traquina, 1999:42). Os autores referem ainda que este tipo de acontecimentos são mais comuns na imprensa diária. No entanto, tenho que discordar pois, a minha experiência no *Correio da Manhã* ensinou-me que nem todas as conferências de imprensa têm interesse para a edição de um jornal pois há uma seleção daquilo que tem mais interesse noticiar.

Normalmente, as conferências de imprensa servem para a promoção de algo relacionado com uma entidade ou personalidade, que as marcam em agenda e convidam a comunicação social, embora também as que surgem no imediato de um acidente, de uma falha, de um escândalo. Porém, neste caso, deixam de ser acontecimentos de rotina pois não são algo premeditado, tornam-se num imediato para o qual não há toda a preparação e que não servem a promoção de interesses, mas sim o fornecimento de informação sobre dado acontecimento.

São também acontecimentos públicos os acidentes, que, para o trabalho do jornalista da secção 'Portugal' do *Correio da Manhã* são elementares. "Os acidentes residem (...) nos cálculos errados que levam à quebra da ordem habitual (...) [que] tende a ter resultados que são opostos aos acontecimentos de rotina" (Molotoch & Lester in Traquina, 1999:47).

Logo, os acidentes podem ser descritos como algo que não estava previsto de acontecer e que ganham notoriedade no plano da notícia, ainda que nem todos os acidentes tenham lugar numa mesma edição do jornal, existindo algumas especificidades necessárias para o seu interesse.

Outra das características dos acontecimentos públicos são os escândalos:

"Os escândalos partilham características tanto dos acidentes como dos acontecimentos de rotina, mas diferem também de ambos. Um escândalo implica uma ocorrência que se torna num acontecimento através da atividade intencional de indivíduos" (Molotoch & Lester in Traquina, 1999:48)

Normalmente associamos escândalos a entidades e figuras do conhecimento do público, razão pela qual provocam um turbilhão de emoções aos indivíduos.

Podemos considerar um exemplo máximo de um escândalo, o abuso de menores da instituição Casa Pia, que envolveu apresentadores, médicos e outras figuras do dia a dia, que de um momento para o outro, se vêm expostos num acontecimento, neste caso, impressionável, e o qual não conseguem controlar.

Histórias desta dimensão conseguem alimentar jornais durante semanas, meses e anos, tendo em conta que são acontecimentos que começam como imediatos e vão ganhando sempre novos contornos ao longo das investigações acerca dos

mesmos e ainda para mais porque há vários prismas de exploração das mesmas, quando o assunto principal, no caso, das violações, se esgota, podendo investigar-se acerca das vidas dos envolvidos, das famílias, das funções, das posses económicas, dos perfis traçados.

Normalmente, num escândalo de grandes dimensões, basta que a cada dia surja um pormenor dito novo, fresco, para com toda a informação atrás recolhida continuar a publicar-se vezes sem conta mais assuntos derivados do principal.

No entanto, os escândalos são perigosos para os jornalistas pois envolvem normalmente poderes superiores aos profissionais da profissão, o trabalho ou a própria vida dos envolvidos.

Por fim, a última categoria dos acontecimentos públicos, *serendipity*, que simboliza, “a faculdade ou talento para fazer uma descoberta por acaso, involuntariamente” (Molotch e Lester in Traquina, 1999:49). Na minha experiência como estagiária no *Correio da Manhã* deparei-me com uma situação idêntica. Ao ligar para a Polícia de Segurança Pública tive conhecimento de que tinha ocorrido um assalto durante a madrugada, a uma caixa multibanco. Fui imediatamente com uma equipa para o local e a caminho, deparámo-nos com um acidente de viação.

Um veículo despistou-se e acabou por capotar, provocando ferimentos a dois passageiros. Foi uma descoberta involuntária, que pela dimensão fez passar para segundo plano a ocorrência inicial.

1.8. – Objetividade

O jornalista tem como prioridade relatar os factos com rigor, a fim de informar os cidadãos, tem de ser objetivo, direto, não podendo dar a sua opinião. Sendo que, esta é a sua maior responsabilidade, de que forma consegue o jornalista enfrentar barreiras como a falta de tempo para investigar e para verificar os factos que vai publicar?

A autora Gaye Tuchman, na obra de Traquina refere quatro procedimentos estratégicos para que o jornalista consiga ser objetivo: “a apresentação de possibilidades conflituais”, “a apresentação de provas auxiliares”, “o uso judicioso das aspas” e “a estruturação da informação numa sequência apropriada” (Tuchman in Traquina, 1999:79.84).

Relativamente ao conceito apresentação de possibilidades de conflitos, “os jornalistas têm de ser capazes de identificar os «factos», muito embora algumas pretensões de verdade não sejam facilmente verificáveis” (Tuchman in Traquina, 1999: 79). Tal se verifica, quando essa verdade provém de outras pessoas, que por constrangimentos de tempo ou distância não conseguem ser confirmados imediatamente, o que deixa o jornalista na incerteza.

Estes casos aplicam-se várias vezes ao campo da política, em que dirigentes e indivíduos dessa esfera, fazem acusações ou denunciam situações acerca dos rivais, que não podem, por vezes, ser imediatamente confirmadas por parte do jornalista que não pode ter certezas quanto à veracidade do assunto, podendo apenas referi-lo como citação de quem o proferiu, e que poderá compensar com uma posterior notícia sobre o caso.

A “apresentação de provas auxiliares” baseia-se “na localização e citação de «factos» suplementares, que são *geralmente aceites como «verdadeiros»*. Ou seja, um jornalista tem de apresentar provas que confirmam o que está a divulgar para tal, recorre a vários testemunhos que corroborem o que afirma. Por exemplo, a primeira história em que trabalhei, foi uma criança que tinha caído de uma janela de um prédio e estava em estado muito grave. Para comprovar que a criança estava a brincar em cima de um sofá encostado ao parapeito tive que recorrer ao depoimento de vários vizinhos que assistiram à queda da menor. Não poderia afirmar que a criança estava a brincar sem as chamadas “provas auxiliares”.

No que tem a ver com o “uso judicioso das aspas” é muito importante na execução do trabalho jornalístico, um complemento aos factos que são apresentados na notícia. O *Correio da Manhã* valoriza bastante os depoimentos de pessoas envolvidas nas histórias, por criar uma proximidade com o leitor e tornar a notícia mais

humana. Também é um modo de “ao inserir a opinião de alguém, (...) [deixar] de participar na notícia e [deixar] os «factos» falar” (Tuchman in Traquina, 1999: 81).

Muitas vezes, uma notícia passa de abertura de página a uma simples coluna pelo facto de não existirem depoimentos que transponham grandeza para a notícia, o que não acontece quando, no caso de uma história de investigação policial ou judicial, sejam as próprias entidades a fornecer a informação, de modo oficial ou ‘off the record’, salvaguardando o jornalista a sua integridade, quando a notícia evoca a sensibilidade.

Acompanhei durante o estágio uma história sobre uma idosa que tinha sido agredida e assaltada dentro da própria casa. Quando me dirigi ao local para entrevistar a senhora, esta pediu para não ser e fotografada por ter medo de represálias. Sendo que, no *Correio da Manhã* a fotografia é bastante valorizada, tive a indicação de que esta história iria para uma coluna de uma página. Contudo, por ter retirado o seu testemunho, onde tinha citações de medo, insegurança e terror, o editor da secção acabou por optar por uma abertura de página pois, estes são sentimentos que prendem o leitor. [Ver em anexo na página 67]

Por último, é apresentada a “estruturação da informação numa sequência apropriada”. Normalmente, no jornalismo escrito, utiliza-se a chamada pirâmide invertida, começando a notícia com o mais importante do acontecimento e o menos relevante a seguir.

“O aspeto formal mais problemático da objetividade do jornalista. Relativamente aos outros três atributos formais, o jornalista pode afirmar que apresentou pontos de vista contrários; que existiam provas suplementares e que ele se limitou a recolhê-las; que as citações e as informações entre aspas representam as opiniões dos outros, não as suas” (Tuchman in Traquina, 1999: 83)

Porém, nesta parte é o jornalista que constrói a notícia, que escolhe o título, o lead, a composição e conteúdo dos parágrafos, dentro do espaço que lhe é dado, é o profissional que escreve a história e tem de ter cuidado em inserir todos os factos, não fugindo à descrição dos mesmos ao criar a notícia, sob pena de perder a objetividade tão essencial.

1.9 – A seleção de notícias

No procedimento de criação de notícias, existem vários meios para os filtrarem, que as compõem e as delimitam, a fim de cumprirem os requisitos corretos.

“A seleção dos temas é determinado pelas diferentes concepções da sociedade sobre o que constitui a notícia que (...) se caracteriza pela novidade, atualidade ou pelo interesse público, a que se sobrepõem influências que afetam o processo de seleção dos conteúdos” (Cruz, 2002: 360)

O jornalista após ter os factos em bruto que recolhe no local sabe que estes terão que passar por vários processos até a notícia estar pronta para sair no jornal. No entanto, devemos perceber que nem tudo é notícia.

Mas para clarificar as que são e como é feito o processo de seleção que determina o que é notícia, Cruz explica que há uma “seletividade da observação realizada pelos jornalistas, a seletividade e escassez das fontes de informação ou o limitado acesso aos registos públicos” (Cruz, 2002: 360). Todos estes afetam aquilo que será considerado notícia.

Contudo, não podemos falar da seleção de uma notícia sem referir o conceito de *gatekeeper*, “ou de selecionadores ou guardiões dos portões que controlam o acesso às informações” (idem).

“Uma notícia é transmitida de um *gatekeeper* para outro na cadeia de comunicações. Do repórter para o responsável do *rewriting*, do chefe de secção para os redatores responsáveis pelos «assuntos de Estado» de várias associações de imprensa, o processo de escolha e rejeição não pára”. (David Manning White in Traquina, 1999: 144).

Considerando a minha experiência prática, se estiver no local a fazer a cobertura de um acontecimento, vou retirar o que julgo ser de maior interesse público, objetivamente, os factos que maior destaque tem, pois não temos o espaço e tempo para descrever todos os pormenores que vão aparecendo. São feitos mais alguns

contactos antes de escrever, para certificar as técnicas de objetividade. De seguida é corrigida pelo editor da secção e revista pelo chefe de redação e ainda é capaz de ser revista pelo responsável pelo fecho da edição do jornal, a fim de tudo ser filtrado e todos os pressupostos estarem enunciados, sem a violação de qualquer regra. É basicamente, deste modo que a função de *gatekeeper* é exercida, por todos os intervenientes que compõem um jornal, de um modo geral.

1.10. – O tempo na criação de notícias

O tempo tem vindo a escassear para o jornalista principalmente com o fenómeno da Internet, onde tudo se tornou imediato, à distância de um clique. Isso faz com que o jornalismo de imprensa tenha de realizar as suas tarefas mais rapidamente, numa corrida contra o tempo, apesar de serem complementados pelos *sites* informativos, como é o caso da versão *online* do jornal *Correio da Manhã*, atualizada ao segundo.

Ainda assim, o jornalista que escreve para a versão impressa do jornal, neste caso da secção 'Portugal' do *Correio da Manhã*, procura a notícia, faz o tratamento e publicação num dia, com fim às 22 horas, altura em que normalmente a edição tem de estar fechada.

No entanto existem situações em que o pouco espaço de tempo não é suficiente. Por exemplo, uma notícia relacionada com um acidente de viação com feridos, sobre o qual até ao fecho da edição não houve novidades ou informações quanto ao estado de saúde dos pacientes. O *Correio da Manhã* opta por colocar "até ao fecho da edição não foi possível apurar mais factos sobre...".

Considerando a convergência dos meios é também verificável que a informação é constantemente atualizada nos meios digitais e, por isso, pode acontecer que a informação fique mais tarde disponível no site e como não foi possível colocar na edição impressa, o jornalista pode fazer referência que a informação irá ficar disponível mais tarde *online*, como por exemplo, pode ser substituído por "mais informação disponível *online* em...".

Acabando sempre por manter os leitores informados, utilizando todos os meios disponíveis que tem à sua disposição para não perder o seu público, que por estar fidelizado já tem certas expectativas quanto ao tipo de informação que pode esperar.

Há assim várias limitações que a falta de tempo impõem ao jornalista, que num dia tem que conseguir reunir toda a informação, tratá-la e publicá-la, com objetividade, veracidade e profissionalismo.

1.11. – Produção social de notícias

Stuart Hall, Chas Critcher, Tony Jefferson, John Clarke e Brian Roberts deram um grande contributo acerca da produção social de notícias, no artigo *“The Social Production of News: Mugging in the Media”*, publicado no livro de Néelson Traquina acerca do jornalismo. É como base nesse artigo que explico como é realizada a referida produção.

Os media não relatam simplesmente e de uma forma transparente acontecimentos que são só por si «naturalmente» noticiáveis.

“ «As notícias» são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimento e tópicos de acordo com um conjunto de categorial socialmente construídas”
(Hall, Critcher, Jefferson, Clarke, Roberts in Traquina, 1999: 24)

Todos os acontecimentos têm algo que os poderia tornar em notícia, mas seria impossível encaixar todos os acontecimentos que ocorrem em Portugal, entre a justiça e o crime, durante um dia, numa edição.

Durante a manhã é discutido, numa reunião, o que tem potencial para abrir o jornal, aplicando ao caso do *Correio da Manhã*, se já existiram ocorrências que tiveram lugar durante a noite e a manhã, ou ocorrências do dia anterior com continuidade.

Sendo assim, é logo determinado o espaço que cada uma terá, através da informação que é passada aos paginadores (onde é definido que a notícia X será abertura de página, a Y atualidade, outras colunas e breves). Depois começa o

processo de recolha de informação, tendo em conta o que já se sabe, ou então segue-se a fase de procura de notícias.

O espaço e a seleção das notícias é normalmente feita de manhã, mas ao longo do dia podem sofrer grandes alterações, algo que depende do tipo de acontecimentos que vão surgindo.

Por exemplo, um exercício levado a cabo pela Unidade Especial de Polícia da PSP, de uma demonstração de intervenção num sequestro a um avião, definida como abertura de página, notícia principal da mesma, passaria a coluna lateral ou rodapé no caso de existir uma notícia imediata que, segundo os parâmetros do jornal teria mais importância, como um sequestro de crianças num autocarro, um acidente de viação com feridos e ou vítimas mortais. Vai depender bastante da quantidade de informação e da qualidade que conseguimos obter em cada notícia. As imagens são também muito importantes, relativamente a cada notícia pois, conseguem transpor o leitor para a situação ocorrida, ou não seria dito que “uma imagem vale mais que mil palavras” e não ocupariam as fotografias no jornal um lugar de tão elevada importância.

Existem três aspetos muito importantes na produção social das notícias:

“A organização burocrática dos media que produz as notícias em tipos específicos ou categorias e a estrutura de valores – notícias, que ordena a seleção e a posição de determinadas «estórias» dentro destas. (...) O terceiro aspeto – o momento da construção da própria notícia”. (Hall, Chritcher, Jefferson, Clarke, Roberts in Traquina, 1999: 225)

A organização burocrática é considerada como a estrutura de valores-notícia. Este conceito remete para o facto de a notícia ser ‘boa’ quanto ao impacto que irá criar, da importância do seu conteúdo, valor que é bastante avaliado na altura de escolher afinal o que entra ou não na edição.

“A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos [dos] quadros de referência constitui o processo fundamental através do qual os media tornam o mundo a que eles fazem referência inteligível a leitores e espectadores” (idem: 226)

É através destes enunciados que os meios de comunicação produzem as notícias, adaptadas ao público-alvo que irá interpretar a notícia. Dando como exemplo o *Correio da Manhã*, as notícias da secção 'Portugal' são escritas com um vocabulário simples, que seja do conhecimento da maior parte dos leitores no geral, sendo que o jornalista não deve escrever de forma confusa, devendo referir o essencial da história desde logo e ao mesmo tempo em que consegue cativar o leitor a querer saber mais.

Para isto contribuem também os títulos, essenciais ao apelo de quem lê o jornal. Um título tem de ser capaz de conter o elemento-chave da história, de um modo simples e que tenha impacto. Devemos escrever sobre assuntos que sejam do conhecimento geral, não entrando em grandes pormenores relativamente a elementos técnicos, nomes científicos, a menos que bem contextualizados.

“Quando os acontecimentos são «delineados» pelos media em enquadramento de significado e interpretação, supõe-se que todos nós possuímos e sabemos igualmente como utilizar esses enquadramentos, que eles são extraídos fundamentalmente das mesmas estruturas de compreensão para todos os grupos sociais e públicos” (idem: 227)

Este excerto do estudo feito pelos autores já referidos demonstra a função social imposta na criação de notícias, exemplificada acima com o caso do *Correio da Manhã*, no qual acabei por dar uma visão mais geral do que acontece na imprensa. Ainda assim, esse enquadramento varia de publicação para publicação, de acordo com essa ser de referência ou popular, como é o caso do *Correio da Manhã*, com a ênfase que se dá certos assuntos do maior interesse da edição, entre outros.

1.12. – O crime como notícia

Ainda utilizando como base a teoria de Stuart Hall, Chas Critcher, Tony Jefferson, John Clarke e Brian Roberts, os autores chegaram a importantes conclusões acerca do crime como notícia, essencial à minha experiência no *Correio da Manhã*, na secção 'Portugal' onde uma vasta dimensão de notícias se relaciona com o crime.

“O crime é, então, «notícia» porque o seu tratamento evoca ameaças mas também reafirma a moralidade consensual da sociedade; desenrola-se perante nós uma peça de moralidade moderna na qual o «demónio» é expulso tanto simbólica como fisicamente da sociedade, pelos seus guardiões – a polícia e a magistratura” (in Traquina, 1999: 237)

A cobertura e transmissão de notícias relacionadas com o crime é da extrema importância pois os cidadãos têm direito a saber o que acontece no quotidiano da sociedade em que estão inseridos, devem conhecer como reage a lei de acordo com certo crime, quais os cuidados a ter para evitar serem vítimas.

Neste prisma, volta-se a evocar o papel dos media como vigilantes da sociedade. Descubrem, tratam, explicam através da publicação como é a sociedade em relação ao crime, o que é até um bom modo dos cidadãos saberem se vivem numa zona segura ou não, quais os alvos mais frequentes, como se protegerem. É uma das funções mais importantes realizadas pelos meios de comunicação.

O *Correio da Manhã* dá uma grande importância a este tema, executa um trabalho notável a nível de notícias de crime, uma das razões pelas quais é o grande líder de audiências, de vendas de jornais numa imprensa que tende em desvanecer. São matérias que despertam curiosidade aos leitores seja por pena, por motivos mórbidos, pela simples preocupação ou curiosidade.

No entanto convém frisar que nem todos os crimes conseguem ser notícia num dia, pois apesar de Portugal ser um país pequeno existem mais situações do género do que aquilo que se imagina, cheguei a esta conclusão após os três meses de estágio no *Correio da Manhã* e ganhei maior consciência de todas as situações criminosas que têm lugar no país todos os dias. Ainda assim, devem ser noticiados roubos por esticção, assaltos simples que envolvem pouco dinheiro, o que normalmente é desvalorizado pelos jornais, mas que, no *Correio da Manhã*, valoriza-se através da função desempenhada pelos espaços de notícias breves, para dar uma noção ao leitor do país.

Neste tipo de notícias os jornalistas dependem muito das forças policiais, dos tribunais e dos advogados, para conseguirem obter as corretas informações acerca das situações que no caso de serem crime, devem ser explicados consoante a lei e não citadas por uma testemunha que parece perceber do assunto. É do maior interesse

essa colaboração entre jornalistas e entidades, seja no modo de fontes, de comunicados oficiais, de declarações.

1.13. – Jornalista no local

A reportagem é um género jornalístico que transmite informação seja pela televisão, rádio, revista ou jornal. Tem como objetivo levar os factos aos leitores de forma abrangente. Para tal, desenvolve uma larga investigação procurando as origens de um acontecimento, o porquê, as consequências de forma, a descrever ao mais ínfimo pormenor um certo acontecimento. Desta forma, observa os factos para os conseguir descrever. Tem sempre a missão de ir até ao local. E é com base nestes pressupostos que o *Correio da Manhã* se guia em várias secções do seu jornal.

No caso da secção ‘Portugal’, o jornalista, na maior parte das vezes tem que estar no local a observar os acontecimentos para depois conseguir escrever a notícia. O jornalista da secção ‘Portugal’ não se baseia apenas em agências noticiosas ou Internet.

No entanto, como referido anteriormente, a Internet tem vindo a ocupar um grande lugar na divulgação de informação colocando em perigo a imprensa tradicional. Jorge Pedro Sousa explica “a World Wide Web é uma fonte inesgotável de informação para o jornalista. Porém, abundância de informação não significa qualidade de informação” (Sousa, 2001: 76).

No caso *Correio da Manhã*, usam a seu favor os pormenores que conseguem nas histórias para atraírem o leitor. Desta foram, a equipa do *online* coloca as notícias de maior destaque no *site*, no entanto, deixam de parte muitos pormenores que saem na edição impressa para que o leitor seja obrigado a comprar o jornal. Muitas vezes colocam a seguinte frase: “Mais informação disponível na edição impressa do *Correio da Manhã*”.

O autor Jorge Pedro Sousa revela que os jornalistas sofreram duas grandes consequências devido às novas tecnologias e por isso, é que muitas redações alteraram o seu paradigma e deixaram de enviar jornalistas para o terreno.

“A primeira é a redução do número de jornalistas em algumas redações, bem como o número de colaboradores e correspondentes, o que agravou a carga de trabalho por jornalista e diminuiu o tempo que cada jornalista pode disponibilizar a cada história. E a segunda é que cada vez mais se exige polivalência aos jornalistas, ou seja, um redator poderá, por exemplo, ter de fotografar, ter de diagramar as peças que produz e ter que as colocar na edição *online* do jornal” (Sousa, 2001: 37)

1.14. Jornalismo de Proximidade

O jornalismo de proximidade está intimamente ligado à imprensa local e regional em que, há uma interação entre o jornalista e o público alvo. “Dos órgãos de imprensa regional espera-se o mesmo do que dos órgãos nacionais. Apenas com uma diferença bem demarcada: mais atenção ao próximo” (Duarte, 2010: 5).

Sousa define este modelo de jornalismo como aquele “que se estabelece numa comunidade de vizinhos, através de meios de comunicação que lhe são próximos” (Sousa, 2002: 4). Este conceito aproxima-se da definição sociológica, que vê a imprensa regional ou local como aquela que se distribui numa dada área geográfica.

No jornalismo de proximidade implica referir a chegada de mensagens ao destinatário e o território. Camponez explica:

“A antropologia mostrou-nos a importância da fronteira para a representação das noções de ‘nós’ e de ‘outros’. Do mesmo modo, o próximo em jornalismo é também a representação que o medium faz do seu território e, conseqüentemente, dos destinatários das suas mensagens. E, nesse sentido, a imprensa local e regional é tanto vocação como intencionalidade” (Camponez, 2002: 113).

Ferreira (2005) revela “a imprensa local e regional tem – ou deve – ter – como objetivo primeiro a recolha, tratamento e divulgação de factos noticiosos que ocorrem na sua área de implantação, seja ele concelhia, distrital ou regional”. E ainda, enumera seis fatores que considera serem desempenhados pela imprensa regional: elo de ligação, complemento, reduz a incerteza, enciclopédia dos conhecimentos vulgarizados, banco de dados e recreio.

Camponez afirma que na imprensa regional existe uma ligação entre a região e as pessoas que a habitam, sendo “nesse compromisso que frutifica ou fracassa, se diversifica ou homogeneiza a comunicação” (Camponez, 2002: 103).

No jornalismo local e regional um dos conceitos mais importantes é a questão geográfica. “A imprensa regional define-se menos pelo seu conteúdo que pelo espaço geográfico” (Gabriel Ringlet cit in Camponez, 2002).

A proximidade é outro conceito importante para a imprensa local e regional, pela informação ligada aos leitores, que visa uma maior identificação entre o jornal e o público.

Camponez revela que o jornalismo regional tem uma função importante na vida local e na segmentação do público: “A proximidade tem a ver com as realidades sociais que nos rodeiam, os serviços de que dispomos na nossa vila ou aldeia. E essa realidade só pode ser apreendida pela imprensa local” (Camponez, 2002: 45).

Contudo, para contrapor a ideia de Camponez é necessário perceber que a proximidade não é exclusiva da imprensa regional e local, mas sim a todas as formas de jornalismo.

Camponez continua por afirmar que os grandes meios de comunicação acabam por negligenciar certos tipos de públicos.

“A redescoberta do conceito de proximidade assumiu uma importância tanto maior, nos últimos anos, quanto à crise de leitores parecia agravar-se, constituindo-se como estratégia para recuperar imensas franjas de públicos que normalmente estão alheados dos grandes meios de comunicação de massa, quer pelo acesso ao seu conteúdo quer pela possibilidade de se constituírem como sujeitos da comunicação” (Camponez, 2002: 114).

No entanto, há uma grande necessidade de conhecimento daquilo que está próximo. Para tal, o *Correio da Manhã* não ficou aquém desta necessidade. Para combatê-la utilizam certos mecanismos, tanto no meio digital, como no meio impresso.

Por ter delegações distribuídas por todo o país, norte, Lisboa, centro e sul, o *Correio da Manhã* aposta em notícias que abrangem todo o tipo de público. Sendo

assim, em todas as edições do jornal, colocam notícias exploradas por outras delegações e ainda, detêm edições especiais para estas zonas.

No meio digital, procuram sites regionais e locais para atualizarem de minuto a minuto a plataforma. Desta forma, permite-lhes uma proximidade que outros jornais não alcançam.

“A proximidade é, de facto um elemento decisivo na procura de informação, sendo utilizada não apenas na imprensa regional, mas também por todos os meios de comunicação, numa tentativa de fidelização de audiências” (Vieira, 2009: 12). Sendo que, se o jornalista fizer trabalho de campo irá conseguir mais fontes, mais testemunhos, o que valorizará a sua história.

“As empresas jornalísticas economicamente fortes são mais estáveis e independentes. Podem também mobilizar recursos para investir na qualidade: fazer investigação jornalística, (...), enviar jornalistas para cobrir acontecimentos em pontos distantes do globo, (...).” (Sousa, 2001: 16)

Tal se verifica em várias secções do *Correio da Manhã* sendo que, apostam mais numas do que noutras. Por exemplo, a secção ‘Portugal’ tem uma maior aposta na investigação jornalística em comparação com a secção ‘Mundo’ que funciona mais à base de agências noticiosas ou *sites* internacionais.

1.15. Convergência dos meios

Devemos considerar que os meios de comunicação estão nos dias de hoje, ligados às novas tecnologias. A Internet veio alterar a forma como os jornalistas produzem a informação. No entanto, o profissional tem que se adaptar às novas formas de comunicação.

Célia Martins (2003: 4) explica que a Internet é bastante atrativa e tem tido um enorme sucesso por ter várias ferramentas e por possibilitar fazer inúmeras coisas, em comparação com os outros meios de comunicação. E de acordo com Wolton (1999: 77), tem que ver com três conceitos “autonomia, domínio e rapidez. Cada um pode

agir, sem intermediário, quando quiser, sem filtro nem hierarquia e, o que é mais importante, em tempo real”.

A Internet consegue ter os vários meios de comunicação como a rádio, televisão e imprensa num só e ainda, os consegue distribuir por todo o mundo acabando por convergir os meios.

“Transgride os limites dos jornais e dos modelos de rádio por permitir conversações múltiplas; tornar possível a receção, alteração e redistribuição simultânea de objetos culturais; deslocar a ação de comunicação das fronteiras da nação para as relações dos territórios espaciais da modernidade; providenciar contacto global e instantâneo; e inserir o sujeito moderno/pós-moderno num dispositivo maquínico em rede” (Poster cit. In McQuail, 2003: 121)

Viera acrescenta “vivemos num panorama radicalmente alterado, com formas incomparavelmente mais rápidas de produzir notícias, multiplicação de meios de comunicação e fluxos contínuos de informação” (Vieira, 2007: 165). Ou seja, a Internet possibilita a transmissão de vídeos, imagens, sons e textos.

A Internet passa a incluir todos os meios de comunicação numa única plataforma, estando disponível 24 horas e a uma distância mínima (computador). “O jornalismo *online* não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalisimos escrito, radiofónico e televisivo para um novo meio” (Canavilhas, 2001: 1).

Assim, o jornalista tinha agora como objetivo, responder velozmente à informação que ia surgindo na Internet.

Miguel Martins, subchefe da redação multiplataforma explica que o jornalismo tem que se adaptar a esta nova realidade.

“O jornalista do século XXI depara-se com mudanças no recetor final. Deixámos de viver no *old media* em que tínhamos três formatos (impresso, televisão e rádio). Com o advento da Internet foi um meio que veio mudar o paradigma. Consegue anunciar, mostrar e explicar ao mesmo tempo. O jornalismo tem que se adaptar ao meio. E para tal, o jornalista tem que saber trabalhar com qualquer plataforma. Mas não significa que seja melhor num do que noutra. Há uma especialização por parte dos jornalistas.”

No caso do *Correio da Manhã*, o jornalista é muitas vezes considerado multifunções. Isto porque tem que ter as ferramentas necessárias para escrever para a imprensa e *online* e ainda, montar peças para a televisão.

Este conceito é bastante utilizado no *Correio da Manhã* sendo que conseguem reduzir os jornalistas e também rentabilizá-los. Por exemplo, aqueles que escrevem para o jornal impresso, têm que montar a peça para a televisão e também ajudar o *online*, caso necessitem de mais informação. Ou seja, as oito horas de trabalho nunca são suficientes para um jornalista.

Um dos pressupostos do canal CMTV é que a maior parte da informação advenha do jornal impresso, ou seja, todas as atualidades e aberturas, escritas para a imprensa são depois transformadas em peças para a televisão, recolhidas por um repórter de imagem que esteve no local com o jornalista. Sendo assim, o jornalista que elabora a abertura tem também a função de fazer a peça para a televisão.

1.16. Dependência nas agências noticiosas

Com a informação a chegar constantemente é necessário perceber de que forma os jornalistas tratam esta informação e o que fazem para verificar os factos.

Surge a questão do que se passa realmente dentro das redações. Desta forma, com base na minha experiência no *Correio da Manhã* posso afirmar que há uma grande dependência nas agências noticiosas. Atualmente faz-se muito o trabalho na secretária ao em vez do trabalho no terreno.

Antes de mais não poderia deixar de falar na agência de informação nacional mais utilizada no *Correio da Manhã*, a Lusa.

“A Lusa é a herdeira direta da evolução histórica das agências noticiosas em Portugal, surgindo como o resultante de um processo que, sendo inaugurado pela Agência Lusitânia, continuou, com a Agência de Notícias e Informação (ANAI), a Agência Noticiosa Portuguesa (ANOP) e a Notícias de Portugal; assim sendo, é provável que seja igualmente a depositária história de elementos como convenções profissionais, as ideologias e as culturas que se foram desenvolvendo nessas organizações que medeiam ao longo dos anos

que medeiam entre 1944 e o presente. (Sousa, 1997: 26, apud Amorim, 2011: 49)

A criação de agências teve como objetivo procurar informação e divulgá-la, através de telexes para os jornais que pagam avenças para os receber, o que contribuiu para o aumento de informação sem se gastar muito dinheiro (Tuchman: 1978; Thompson: 1995; Nobre-Correia: 1996) no entanto, não se imaginava que a criação de agências noticiosas poderia também prejudicar o trabalho do jornalista por criar uma enorme dependência. Há alguns jornais que se dedicam à investigação, mas também há muitos que apenas se baseiam na informação que é dada por estas agências (Rogério Santos, 1997: 146).

No caso do *Correio da Manhã*, apesar de apostarem na investigação jornalística, há algumas secções que se baseiam muito nas agências noticiosas, como é o caso da secção 'Mundo'.

Mas tal acontece por existir um grande fluxo de informação e foi com esse objetivo que as agências noticiosas foram criadas. O jornalista hoje em dia tem mais acesso à informação pois, tem vários *sites*, vários canais que o ajudam a estar em cima do acontecimento. Os autores Kovach e Rosenstiel (2004: 80) explicam que os jornalistas tomam uma posição de recetores ao contrário de serem eles a recolher a informação.

Face a este panorama, alguns autores começam por ter uma posição bastante pessimista em relação à posição do jornalista.

“Questionamo-nos sobre o futuro dos jornalistas. Eles estão em vias de extinção. O sistema já não os quer. Podia funcionar sem eles. Ou, digamos antes, que aceita funcionar sem eles, mas atribuindo-lhes um papel menos decisivo: o de operários numa produção em cadeia, como Charlot nos Tempos Modernos... Dito de outra maneira, rebaixando-os para a categoria de retocadores de despachos de agências” (Ramonet, 1998: 51)

No entanto, sendo que existe esta dependência nas agências noticiosas não se pode deixar de fazer referência ao jornalismo sentado pois, estão intrinsecamente ligados.

Erik Neveu explica (2001: 7) que o jornalismo sentado é mais orientado para o tratamento de uma informação que não é recolhida pelo próprio jornalista, ou seja, vai de encontro ao jornalista de pé, que recolhe as informações por si próprio junto das suas fontes. E tal, se verifica com as agências noticiosas, o jornalista recolhe a informação que lhe é transmitida e elabora uma notícia a partir do que lê.

Como Lewis *et al.* explicam, “hoje estamos a produzir histórias de uma maneira automática e abundante. Não as escrevemos. Quase tudo é reciclado por uma fonte” (cit. Por Johnston e Forde, 2001: 198-199). Na realidade, muitas redações adotaram este tipo de jornalismo, o considerado jornalismo sentado. Os jornalistas passam a maior parte do tempo na redação, nas suas secretárias, por vezes a fazer contactos ou até mesmo a escrever notícias com base no que lhes é dado por agências noticiosas.

O jornalista ao abandonar o terreno tem como função escolher as notícias que mais interessam, seja na Internet, nas agências ou informações disponibilizadas pelas assessorias e devem transformar toda a informação que recebem em notícias e não, em comunicados.

Os jornalistas têm o poder de transformar os acontecimentos em notícias, escolhendo entre as mais infundáveis informações que chegam todos os dias.

Apesar de o jornalista ter a oportunidade de escolher que informação irá tratar sem sair da sua secretária, este continua com os mesmos deveres, ou seja, tem o “papel de mediador mas, agora é mais variado e complexo e cumpri-lo num mundo de ilimitados canais de comunicação é bem mais difícil” (Kovach e Rosenstiel, 2010: 172).

“O material noticioso das agências parece largamente imune a um escrutínio sério” visto que traz consigo “uma autoridade tão absoluta que os media não questionam o seu conteúdo ou a sua precisão factual” (Johnston e Forde, 2001: 200). Ou seja, apesar de o jornalista ter a informação disponibilizada sem qualquer esforço, não deve copiá-la ou escrever com base nela sem sequer verificar os factos.

Considerando a empresa em que realizei o meu estágio é importante referir um estudo elaborado por Tiago Emanuel Amorim em que analisou a relação entre os *sites* noticiosos como, o Correio da Manhã, Jornal de Notícias, Diário de Notícias, Diário Digital e Portugal Diário concluindo que 35% das notícias recolhidas continha influência

de agências noticiosas (Amorim, 20011: 81). Ou seja, é ainda uma enorme percentagem de notícias que foram feitas com base em informações que neste caso, a agência Lusa forneceu.

No caso do *Correio da Manhã* o jornalista tenta combater este modelo de jornalismo ao procurar mais informação e ao propôr histórias aos seus editores, através de fontes que foram adquirindo desde o exercício da profissão.

Um jornalista desta empresa tem como missão a procura de mais histórias sem se basear nas agências noticiosas ou a Internet, ou seja, não o fazem a partir das suas secretárias. Com o apoio dos meios disponibilizados pelo *Correio da Manhã*, o jornalista consegue aprofundar as histórias, abandonando o conceito de jornalista sentado. No entanto, esta situação não se verifica em todas as secções deste jornal. As secções Portugal, Desporto e Sociedade têm um maior apoio. Para tal, utilizam o jornalismo de proximidade para avançarem com as notícias e para criarem uma ligação de proximidade com os leitores. Contudo, as secções Mundo, *Online* e Economia permanecem agarradas a este conceito, sem apoio financeiro para explorarem notícias que lhes chegam todos os dias à redação.

Contudo, o problema não deriva apenas das agências noticiosas, a Internet é também uma ferramenta muito utilizada pelos jornalistas dos dias que correm. Gomes refere “os jornalistas têm progressivamente no decurso da sua atividade, vindo a usar a Internet como incrementalmente fundamental no processo da recolha informativa, transformando a própria forma como a informação é recolhida” (Gomes, 2009: 70).

Deve-se perceber que quantidade não é sinónimo de qualidade. E por isso, é preciso seleccionar, verificar as informações para se ter a certeza que as fontes são fidedignas e que não estamos a cometer nenhum erro.

O jornalismo sentado e a dependência nas agências noticiosas é cada vez mais frequente devido à redução de jornalistas nas redações. A quantidade de trabalho continua a ser a mesma, no entanto, as condições para se trabalhar nesta área são cada vez mais precárias acrescentando à fraca aposta nas investigações jornalísticas.

Capítulo 2 – Caso *Correio da Manhã*

O estágio decorreu entre 20 de Outubro de 2013 a 20 de Janeiro de 2014, três meses em regime ‘full-time’, na secção ‘Portugal’ do jornal diário, secção que foca, assuntos relacionados com a segurança no país.

Nasceu no ano de 1979, um projeto diário, que desde o seu começo “agarrou uma maneira diferente de noticiar o dia-a-dia, com grande abertura de espírito e sem preconceitos sociais nem políticos” (in Cofina Media online). O jornal, dirigido por Octávio Ribeiro e que pertence ao grupo Cofina Media, detentor de outras publicações como o jornal Destak, Metro, o desportivo Record, a revista Sábado, Vogue, Tv Guia entre outras publicações, faz “a cobertura intensa dos acontecimentos (...) usando uma linguagem acessível, sempre a buscar equilíbrio entre imagem e texto, torn[ando-se] a leitura nacional mais procurada por todos os que gostam de andar bem informados” (in Cofina Media online).

Considerado por Quintero, “o único jornal diário da época pós-revolucionária que triunfaria e obteria sucesso duradouro foi o matutino *Correio da Manhã*” (Quintero, 1994: 379).

Grupo Cofina

“A Cofina foi fundada em 1995 e tem registado um crescimento sustentado, quer por via orgânica, quer através de aquisições. Atualmente, a Cofina” é líder em Portugal no domínio da imprensa, ambicionando deter uma forte presença em todos os segmentos de media em Portugal e em mercados naturais” (in Cofina media online)

Quando foi fundada em 1995 tinha um capital social de cinco milhões de euros e desde então foi adquirindo vários meios de comunicação. Em 2000, adquiriu o *Correio da Manhã*. Mais tarde, em 2002 ficou com a *Tv Guia*, uma revista dedicada à televisão. De seguida, em 2004 lançou a revista *Sábado*, sendo que é semanal com grandes reportagens. Em 2006, adquiriu o *Destak*, um jornal diário gratuito. Em 2007,

lançou *Destak São Paulo*, um jornal diário gratuito no Brasil e em 2009, adquiriu a edição portuguesa *Metro*, um jornal diário também gratuito.

A Cofina é também detentora de outras publicações como o *Record*, jornal desportivo e o *Jornal de Negócios*, jornal económico.

Ainda, no ano passado resolveu entrar no mundo da televisão e lançou o canal informativo CMTV, que tem por base as notícias do jornal *Correio da Manhã*.

Correio da Manhã

O Correio da Manhã, um jornal diário português foi fundado por Vítor Direito que deu início à sua publicação a 19 de março de 1979. O jornal começou por ser publicado também ao domingo, algo que os outros jornais não o faziam, o que ajudou para a implantação de um novo título na imprensa.

Este constituía uma novidade na imprensa portuguesa pela sua originalidade. O diário privilegia temas do quotidiano em notícias tratadas com objetividade.

Em maio de 1980 foi inaugurada em Faro a primeira delegação do Correio da Manhã, com o objetivo de uma maior cobertura na região. Nos anos seguintes, abriram delegações noutras cidades.

Em novembro de 1981 começaram a publicar uma revista de carácter generalista, com 32 páginas a cores, o *Correio de Domingo*.

Sete anos depois da fundação, o Correio da Manhã teve momentos difíceis, mas em 1986 passa a ter um título viável, com uma circulação diária superior a 60 mil exemplares.

Em 1991, é criada uma revista semanal, com 32 páginas a cores, dedicada à televisão, a *Correio TV*. Tratava-se de uma novidade na imprensa, que anos mais tarde foi copiada por outros jornais.

Ainda no mesmo ano, Agostinho Azevedo, chefe de redação é nomeado a diretor e Vítor Direito ocupa o cargo de Presidente Diretor-Geral.

A capa do CM é impressa pela primeira vez a cores em outubro de 1992, o que o fez sobressair entre os outros jornais diários.

É então em 2000 que o *Correio da Manhã*, propriedade *Presslivre* é comprado pela Cofina Media, um dos principais grupos portugueses de imprensa, com vários títulos e meios de distribuição e ainda, explora o mercado publicitário.

Em 2002, o *Correio da Manhã* passou a estar online de forma autónoma. Cada edição do jornal é inserida na sua página de Internet.

Desde 24 de Fevereiro de 2007 que Octávio Ribeiro dirige o diário com mais tiragem e considerado o mais lido em Portugal. É o jornal que mais vende em Portugal, com mais de 55% da quota de mercado dos diários.

Em 2008, a revista *Vidas* volta a ser publicada aos sábados. Com 76 páginas dedicadas aos famosos de Portugal e do Mundo. Cada edição contém informações sobre música, cinema, teatro e diversão. No mesmo ano, o *site* do *Correio da Manhã* é modificado. Com o intuito de disponibilizarem constantemente fotografias e vídeos. Além de que, os leitores podem comentar nas páginas. Foi neste ano que o *site* do *Correio da Manhã* atingiu o máximo mensal de número de visitantes, até à altura, 22.500.000 *pageviews*.

Atualmente, o jornal conta com mais de um milhão de leitores por dia, invertendo as várias teorias que afirmam que o final da imprensa escrita está perto da morte [Ver anexo página 55].

O jornal conta ainda com uma versão *online* (www.cmjornal.xl.pt) atualizada ao segundo.

Segundo a Marktest, o *Correio da Manhã* atingiu uma audiência média de 15,1 pontos entre setembro e dezembro de 2013, uma subida de 2,1 pontos percentuais face à vaga anterior do Bareme Imprensa, da Marktest, referente ao período entre março e maio de 2013 [Ver anexo página 55]. O *Correio da Manhã* conta com uma média de 1,297 milhões de leitores, ou seja, mais de 183 mil pessoas face ao estudo anterior da Marktest. É então, o jornal mais lido em Portugal. De acordo com a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação foram vendidos cerca de 153 830 e circulados 117 215, por edição, no final de 2013. [Ver anexo página 55]

A versão *online* do jornal *Correio da Manhã* apresenta também elevado prestígio nas plataformas digitais. A Netscope mostrou que, durante o mês de setembro de 2013, o *Correio da Manhã* contou com 10,496,989 visitas e 66,773,508 *pageviews*. Sendo que, integra o quinto lugar do ranking de *sites* mais visitados. [Ver anexo página 56]

A redação é composta pelas secções Mundo, Portugal, Sociedade, Desporto, Economia, Política, Media e Comunicação e Vidas. Conta ainda com uma revista referente à última secção – Vidas – e a revista Domingo.

Publicação periódica

O jornal *Correio da Manhã* é uma publicação periódica que de acordo com a Lei da Imprensa, nº19/2012 de 8 de maio, pode ser observado na primeira alínea artigo 11º que “são periódicas as publicações editadas em série contínua, sem limite definido de duração, sob o mesmo título e abrangendo períodos determinados de tempo”.

As primeiras publicações periódicas, semanais intitulavam-se gazetas generalizaram-se na Europa no decorrer do século XXII, “altura em que se consolidam verdadeiros sistemas informativos nacionais” (Quintero, 1994: 46). As primeiras publicações do género eram essencialmente calendários, pequenos almanaques, com previsões e bastante relacionados com astrologia. Surgia assim o começo daquilo que se transformaria em boletins informativos e mais tarde, os jornais.

Secção de ‘Portugal’

A secção ‘Portugal’ do jornal *Correio da Manhã* é composta por nove jornalistas, entre os quais um editor e um subeditor, responsáveis pela filtragem das notícias, pelo aconselhamento e correção, assim como por toda a constituição e organização das páginas a que a secção tem direito por dia.

Normalmente tem direito a sete ou oito páginas, considerando as ocorrências do dia e ainda as atualidades. As atualidades são as primeiras páginas do jornal, que aparecem na capa na forma de manchete ou título apelativo.

A secção 'Portugal', como o nome indica, trata de assuntos do país, principalmente relacionados com a segurança no país, a justiça, os crimes e os acidentes, e as respetivas forças responsáveis pela manutenção dessa segurança e ordem no território português.

Todos os dias um jornalista da secção realiza o "serviço de polícias". Às sete da manhã é a sua missão ligar para as principais fontes de informação oficiais – PSP, divisões e esquadras da área da grande Lisboa, hospitais, bombeiros, GNR – a fim de obter ocorrências que tenham interesse para o dia. Em seguida, recorre às suas fontes a fim de apurar mais informações. Após obtenção dos dados relevantes vai até ao local das ocorrências para reunir toda a informação. Existem também outros acontecimentos em agenda, marcados para certo jornalista no dia anterior, seja julgamentos, conferências, entre outros.

Durante os três meses de estágio foram algumas as histórias que me marcaram pessoalmente pelo mediatismo que tiveram, pelas saídas de campo efetuadas e também, pela aprendizagem retirada de todas elas.

O subchefe da redação multiplataforma, Miguel Martins explica "o ADN do *Correio da Manhã*, a sua génese, é a cobertura de proximidade. Todas as secções têm que estar no local como, Portugal, Sociedade, Vidas. O 'Portugal' por exemplo, sempre teve gente na rua. Para o 'Portugal' é imprescindível, há uma necessidade ainda maior agora por causa da CMTV porque precisam de imagens". E foi algo que verifiquei na primeira história que trabalhei com mais profundidade.

Um homem barricou-se a 24 de novembro de 2013, num restaurante no Pinhal Novo. A informação deste acontecimento chegou-nos pelas 21 horas, enquanto estava alocada ao serviço de 'piquete'. Este serviço designa que dois jornalistas da redação se encontrem escalados a partir das 17 horas até ao fecho do jornal. Assim que a informação chegou à redação destacaram-me para ir ao local. Enquanto preparava a história e ia transmitindo a informação para a minha redação, optei por entrevistar

moradores e autoridades para chegar ao cerne da história. Sendo que havia um perímetro de segurança, a visibilidade para os jornalistas presentes era reduzida e não era possível ver o que realmente se passava, mas tínhamos de hora a hora a informação atualizada. O tenente general Goulão foi incumbido de ir transmitindo à comunicação social quais os acontecimentos relevantes.

O desfecho desta história resultou na morte de um militar e do homem que se tinha barricado. Ao chegar à redação elaborei uma atualidade para o jornal e ainda, uma peça para a CMTV. Foram 24 horas de trabalho, junto à linha de fogo e foi esta história que me ensinou o que realmente significava ser jornalista. [Ver anexo em página 59].

O editor de multiplataforma, Rui Vieira, explica quais as competências que um jornalista deverá ter para ingressar na redação do *Correio da Manhã* quando tem uma história relevante. “No caso do *Correio da Manhã*, um jornalista precisa de competências também televisivas e saber trabalhar para o online. É um trabalho mais exigente mas, quando se é bem sucedido, também é mais compensador”.

No entanto, o meu trabalho como jornalista implicou também outras tarefas. Todos os dias, às 11 horas, às 14 horas e às 18 horas, ligávamos para os bombeiros, PSP e outras forças de segurança para saber quais as ocorrências registadas. Quando havia indicação de algum acontecimento relevante, comunicávamos ao nosso editor e iniciávamos a pesquisa, o contacto com fontes ou dirigíamos-nos ao local. Algumas notícias eram destinadas a colunas ou rodapés e outras pelo seu destaque, faziam aberturas de páginas.

Havia também a tarefa de examinar *sites* nacionais e internacionais, à procura de algo que tivesse acontecido em Portugal ou a portugueses. O jornalista que tivesse mais tempo disponível avançava com outros deveres, tais como iniciar a agenda (eventos que acontecessem nos dias seguintes) e o balanço da GNR, relativamente à sinistralidade rodoviária.

Sara Carrilho, jornalista da secção ‘Portugal’ revela, “No *Correio da Manhã*, o jornalismo praticado passa muito pela investigação e trabalho no terreno como tal, todas as secções necessitam de jornalistas no local”. Ou seja, sempre que existissem

histórias em que era necessário a deslocação ao local, por norma significavam que seriam abertura de uma página do 'Portugal' por isso, havia o acompanhamento por um fotojornalista e por um repórter de imagem. O repórter de imagem recolhia as melhores imagens para após a elaboração das notícias para o jornal impresso, se procedesse à montagem também de uma peça para a CMTV, fosse para o próprio dia ou para o dia seguinte, ou seja, o tempo era bastante escasso.

Como estagiária tive ainda outro serviço, o radar. Este serviço tem o objetivo de receber em primeira mão todas as notícias que são enviadas pelas agências noticiosas (Lusa e Reuters) e emitidas por outros canais de notícias nacionais e internacionais. O estagiário assim que recebe uma notícia de última hora ou outras de interesse tem que se deslocar à secção correspondente (Sociedade, Mundo, Portugal, Desporto, etc.) assim como, ao coordenador de serviço do CMTV e ainda, à secção *online* para que todos os meios estivessem informados ao minuto.

Durante os três meses de estágio escrevi mais histórias que foram marcando o meu percurso. Como por exemplo, uma atualidade sobre a suspensão dos voos da Guiné-Bissau para Portugal, pela parte da companhia aérea TAP, devido à entrada de 74 sírios com passaportes falsos. Esta história decorreu na altura em que muitos portugueses tentavam vir para Lisboa passar o natal com as suas famílias.

Esta foi talvez a história mais difícil que tive que realizar, não pelo tema em si, mas pela falta de fontes e testemunhos. Sendo que, não me podia deslocar à Guiné recorri ao *Facebook*. Pesquisei grupos de portugueses que estivessem a trabalhar na Guiné. Comecei por recolher alguns contactos e fui fazendo chamadas. Demorou bastante tempo até conseguir um bom ângulo pois muitas pessoas tinham receio de falar. No entanto, fui encontrando outros caminhos que acabaram por fazer com que a história fluísse. Encontrei um ângulo interessante, propus ao meu editor e imediatamente concordou. Esta foi uma história que impôs bastantes barreiras, pela dificuldade na verificação dos factos e pela falta de fontes. [Ver anexo página 57]

Normalmente, quando são histórias que acontecem no estrangeiro mas são relacionadas com Portugal, a sua verificação é muito mais complicada por não nos encontramos no local do acontecimento. Quando o avião da LAM despenhou-se na Namíbia sabíamos à partida que havia alguns passageiros portugueses ou com dupla

nacionalidade. Para descobrirmos quem poderia ser contactámos a embaixada e autoridades. No entanto, foi a companhia aérea LAM que nos deu essa informação.

Recorreu-se ao *Facebook* e apurou-se que se tratava de uma senhora com dupla nacionalidade, luso-angolana que se tinha deslocado a Moçambique em lua-de-mel. [Ver anexo em página 58]

Era importante durante o estágio, pelo menos na secção 'Portugal' ir adquirindo fontes e notícias que não fossem dadas por nenhum meio de comunicação. Para isso, tínhamos um trabalho muito próprio e único. Quando estamos há pouco tempo nesta profissão, as fontes são nulas e por isso, recorremos aos nossos familiares e amigos que por um acaso podem passar por uma ocorrência ou tiveram conhecimento de algo.

Várias situações podem acontecer enquanto estamos na redação e uma chamada com denúncias sobre uma situação é o mais frequente. Recebi uma chamada de um português que dizia ter sido burlado e ameaçado de morte pelo enteado e a namorada no Brasil. Agendei um encontro com o senhor para verificar os factos e analisar os comprovativos que dizia ter para confirmar esta história.

Analisei toda a informação, passei ao meu editor, mas mesmo assim achei importante verificar algumas situações que me tinham sido contadas. Sendo que, o senhor dizia que havia queixas no Brasil e que o enteado já fora preso, resolvi ligar para o tenente encarregue desta situação no Brasil. Foi assim, que consegui verificar a história. Após a confirmação de todos os factos fui autorizada a escrever a notícia pois, quando os contactos são feitos por iniciativa própria e por envolver outras pessoas, os cuidados a ter com o que é escrito são sempre muitos para não incorrerem no erro de difamar alguém quando não existem provas suficientes para comprovar o que relatamos. [Ver anexo em página 65]

Outra história semelhante foi a burla em cerca de 100 mil euros, há dez anos a uma senhora que sofre de *Parkinson*. Os burlões já cumprem pena de prisão contudo, a senhora continua a receber dívidas criadas por eles. Como não tinha conhecimento de todos os factos desta história e apesar de já estarem a cumprir uma pena, tive que verificar se esta senhora fazia parte do processo e se realmente estava a contar a

verdade. Só após a verificação dos factos é que pude publicar a história pois, na secção 'Portugal' nada é publicado sem ter confirmação de pelo menos uma fonte. [ver anexo em página 60]

A última história que escrevi, que mais investigação exigiu e também, mais dedicação, foi a "Tragédia no Meco". Esta história remete-nos para 15 de dezembro de 2013, quando seis estudantes da Universidade Lusófona foram engolidos por uma onda na praia do Meco, em Sesimbra.

Quando a tragédia se deu não acompanhei de perto a situação no entanto, fui percebendo a sua dimensão quando destacaram uma equipa para estar na praia do Meco em Sesimbra, todos os dias, até aos corpos serem encontrados.

Comecei a investigação desta história quando as dúvidas surgiram sobre uma possível praxe.

Como é previsível, os pais inconsoláveis com o desaparecimento dos filhos, pouco ou nada queriam ser importunados pelos meios de comunicação. Ou seja, não conseguíamos adquirir nenhuma informação da parte deles. As nossas fontes inicialmente foram as autoridades e alguns alunos da Universidade Lusófona.

No entanto, quando surgiram as notícias de que teria sido uma praxe a provocar este acidente, os alunos começaram por recusar-se a falar com a comunicação social sob pena de represálias por parte dos estudantes da universidade.

Durante semanas estive presente na praia do Meco. Íamos revezando pelos jornalistas da secção 'Portugal' e para o *Correio da Manhã* era impensável não estar um dia na praia do Meco, enquanto os corpos não fossem encontrados. Além de que, todas as manhãs fazíamos uma chamada para o tenente responsável desta ocorrência para confirmar se alguma novidade teria surgido durante a noite.

Depois de todos os corpos serem encontrados, a especulação sobre a possível praxe, o silêncio do sobrevivente João Miguel Gouveia e todas as questões que os pais queriam ver resolvidas levaram a que a imprensa publicasse todos os dias notícias exclusivas com mais informação sobre esta tragédia.

Sendo que o *Correio da Manhã* preza a investigação jornalística, todos aqueles que conseguissem apurar factos e novidades ficavam responsáveis por esta história,

que durante semanas era Atualidade do jornal diário. O *Correio da Manhã* esteve quase sempre à frente dos outros meios de comunicação.

Para escrever notícias sobre esta história teve de haver sempre o apoio de pelo menos uma fonte, além de muita pesquisa e trabalho de campo.

Por ser uma história com grande mediatismo acarretou também uma grande responsabilidade. Pela manhã a chefia decidia qual seria o ângulo para esta história, ou seja, tínhamos que procurar mais informação, sem aparentemente nada de novo ter acontecido.

Foi sem dúvida a história que mais me marcou durante toda esta experiência. Não só pelo mediatismo, mas principalmente pela carga emocional (devido ao frágil estado dos pais no momento da tragédia), apliquei todas as lições dadas pelos meus colegas e editores e acima de tudo, percebi que o *Correio da Manhã* aposta realmente na investigação jornalística.

É também importante referir que um jornalista da secção 'Portugal' está sempre alerta e não tem apenas a responsabilidade de escrever páginas para a sua secção. Tem outros afazeres, como por exemplo, a 'Última'. Como o nome indica, é a última página do jornal. Ao elaborarmos várias rondas durante o dia, algumas situações que acontecem no fim do dia vão normalmente para a última página da edição isto porque, ou as páginas já estão fechadas ou porque se trata de um acontecimento de última hora, que por não ter um desfecho sabe-se que terá continuidade no dia seguinte.

Ainda outra página que pode ser da responsabilidade da secção 'Portugal' é a entrevista da 'Penúltima'. Esta é a penúltima página do jornal, que tem uma coluna para o discurso direto, ou seja, para as palavras de alguma personalidade. Na altura do natal e ano novo foi feita uma entrevista ao Capitão Cruz para saber quais os cuidados a ter nas estradas nacionais durante esta época. Assim, coloquei as perguntas feitas ao Capitão Cruz e transcrevi as suas respostas. [Ver em anexo página 76].

Tal como a jornalista Sara Carrilho elucida "o jornalista tem de desempenhar várias funções. Tem de estar preparado para as várias plataformas, de modo rápido, direto e rigoroso. Produzir para todos os meios não pode nunca descurar o rigor de

aprofundar os assuntos. Numa primeira fase, por exemplo, para uma plataforma *online*, pode avançar com um lead sucinto, mas com posterior aprofundamento do tema em questão, a fim de averiguar todos os pontos da história que se quer transmitir”.

Considerando a minha experiência no *Correio da Manhã*, o jornalista tinha de ir ao local, produzir para as várias plataformas e nunca poderia deixar de investigar a história em concreto, mesmo que o tempo fosse limitado. O jornalista tinha que cumprir as suas tarefas, sem descurar nenhuma.

Conclusão

Os meios de comunicação desempenham funções variadas na sociedade, desde o seu aparecimento até à atualidade. Essas não podem ser encaradas de forma simplista, existem vários pontos e abordagens relativamente aos mesmos que têm de ser considerados a fim de conseguirmos a perceção de quais são afinal, essas funções, e qual é então o poder dos mesmos no mundo.

Assim podemos considerar, através do caso do *Correio da Manhã* que algumas empresas apostam na investigação jornalística e não apenas, no jornalismo de secretário em que, um jornalista aguarda pela informação que chega através da Internet ou nas agências noticiosas. Para o jornalista obter a melhor história, com mais testemunhos, detalhes para de alguma forma, agarrar o leitor, deve ir até ao local fazer a cobertura dos acontecimentos. Sendo que, a todo o custo deve seguir o caminho da verdade e da objetividade.

Os jornalistas estão sujeitos às pressões da sociedade, que acaba por definir o que deve ou não ser considerado notícia. Enfrentam diversos desafios, principalmente desde o aparecimento da Internet, que transformou a forma como o jornalista atua. Assim o jornalista deve agir de modo rápido, conciso, não fugindo à descrição dos relatos e conseguindo ainda apelar a que os leitores se interessem pelo que escreve. São vigilantes do meio, e têm a função de informar e educar, principalmente. São responsáveis por uma grande definição da sociedade atual que é a informação e o conhecimento, um dever que têm para com a sociedade. Por isso mesmo, não devem nunca abandonar a sua missão de informar com veracidade e apoiando-se nos factos reais para noticiar um acontecimento. Tal só é possível se observar com os próprios olhos o que o rodeia.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Tiago Emanuel. As agências Noticiosas como fonte no jornalismo online generalista: Os casos do Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Diário de notícias, Diário Digital e Portugal Diário. Dissertação, Mestrado em Jornalismo, Universidade Fernando Pessoa, 2011. Disponível em: http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1978/1/DM_15642.pdf

CANAVILHAS, João. Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>

CAMPONEZ, C. Jornalismo de Proximidade. Coleção Comunicação. Coimbra: MinervaCoimbra, 2002.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. (2014). PORTO EDITORA

DUARTE, A. Jornalismo de Proximidade – O Papel Informativo da Imprensa Local. 2010. Disponível em: <http://localmediapt.files.wordpress.com/2010/11/duarte2010-jornalismo-proximidade.pdf>

FERREIRA, P. O custo das não-decisões da imprensa regional e local em Portugal. Comunicação e Sociedade, 2005.

FONTCUBERTA, Mar de. La Noticia - Pistas para Percibir el Mundo. Barcelona: PaidÙs, 1993.

HALL, S., CRITCHER, C., JEFFERSON, T., CLARKE E J. Roberts. Policing the crisis – mugging, the state and law and order. Nova Iorque: Holmes & Meier Publishers, Inc., 1978.

KOVACH, B. e Rosenstiel, T. Blur. How to know what's true in the age of information overload. Nova Iorque. Bloomsbury USA, 2010.

KOVACH, B. e ROSENSTIEL, T. The Elements of Journalism: What Newspeople Should Know and the Public Should Expect. Guardian Books, 2004.

LASWELL, Harold. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In Gabriel Cohn (org.) Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

MARTINS, Célia. Jornalismo Online: a convergência dos meios. Universidade Fernando Pessoa, 2003.

MCQUAIL, D. Teoria da Comunicação de Massas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MOLOTCH, H. e Lester, M. News as purposive behaviour: on the strategic use of routine events, accidents and scandals. American Sociological Review, 1974.

NEVEU, Erik. Sociologie du Journalisme. Paris: La Découverte, 2001.

NOBRE-CORREIA, J.M. A cidade dos media. Porto: Campo das Letras, 1996.

QUINTERO, Alejandro P. A Revolução da Imprensa, in: História da Imprensa. Lisboa: Planeta Editora, 1994.

RAMONET, Ignacio. La Tirania de la Comunicación. Madrid: Editorial Debate, 1998.

SOUSA, J.P. As notícias e os seus efeitos. As teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media, 1999.. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/index2.html>

SOUSA, J.P. As notícias e os seus efeitos. Coimbra: Minerva, 2002.

SOUSA, J.P. Construindo uma teoria do jornalismo, 2003. <http://bocc.ubi.pt/>

SOUSA, J.P. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia, 1999. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/index2.html>

SOUSA, J.P. Teorias da notícia e do jornalismo. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia, 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

THOMPSON, John B. The media and modernity. Cambridge: Polity and Press, 1995.

TRAQUINA, Nelson. A redescoberta do poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 1999.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. Making news – a study in the construction of reality. Nova Iorque: The Feed Press, 1978.

VIEIRA, Joaquim. Jornalismo contemporâneo: os media entre a era de Gutenberg e o paradigma digital. Lisboa: Edeline, 2007.

WOLTON, D. E depois da Internet? Algés: Difel, 1999.

ANEXOS

1. Entrevista a Miguel Martins	ZZ
2. Entrevista a Rui Vieira.....	ZZ
3. Entrevista a Sara Carrilho.....	ZZ
4. Entrevista a Magali Pinto.....	ZZ
5. Gráficos.....	ZZ
6. Trabalhos realizados.....	ZZ

Entrevista a Miguel Martins, subchefe da redação multiplataforma

- Há quantos anos trabalha no *Correio da Manhã*? Qual o cargo que ocupa?

No *Correio da Manhã* estou há um ano. Mas tive dois anos a trabalhar no Expresso. Sou o subchefe da redação multiplataforma.

- Trabalhou alguma vez na secção do jornal impresso? Em qual?

Estive dois anos na secção 'Sociedade'.

- Do que observa, quais as secções com mais necessidade em ter repórteres no local?

O ADN do *Correio da Manhã*, a sua génese, é uma cobertura de proximidade. Todas as secções têm que estar como, Portugal, Sociedade, Vidas. O Portugal por exemplo, sempre teve gente na rua. Para o Portugal é imprescindível, há uma necessidade ainda maior agora por causa do CMTV porque precisam de imagens.

- Sente que o papel do jornalista é o mesmo que há uns anos atrás?

É exatamente o mesmo. É dar notícias. O jornalista do século XXI depara-se com mudanças no receptor final. Deixámos de viver no old media em que tínhamos três formatos (impresso, televisão e rádio). Com o advento da Internet, é um meio que muda o paradigma. Conseguir anunciar, mostrar e explicar ao mesmo tempo. O jornalismo tem que se adaptar ao meio. Percebemos que passámos para uma audiência fragmentada.

- O jornalista é um multifunções? Se sim, acha que tem tempo para estar em todos os meios e ainda, aprofundar os acontecimentos em causa?

O jornalista tem que saber trabalhar com qualquer plataforma. Mas não significa que seja melhor em um do que noutros. Há uma especialização.

- Qual é o grande objetivo do *Correio da Manhã*?

O *Correio da Manhã* preserva o que mais nenhum outro jornal o faz. É anglo-saxónico, é um jornal popular no melhor sentido. Dá notícias que interferem na vida das pessoas. O jornal é feito para uma comunidade. É algo que se deve preservar. Faz serviço público.

Entrevista a editor Multiplataforma Rui Vieira

- Há quantos anos trabalha no *Correio da Manhã*? Qual o cargo que ocupa?

Trabalho há quatro anos e meio no *Correio da Manhã* e tenho onze anos de profissão. Sou editor Multiplataforma mas, desde que arrancou a CMTV, tenho assumido também funções de pivô de noticiários.

- Trabalhou alguma vez na secção do jornal impresso? Em qual?

Sim, durante três anos e meio fui subeditor de cultura/online – até à CMTV a cultura estava integrada no site. Agora é editada em conjunto com os Media e o online ganhou autonomia.

- Do que observa, quais as secções com mais necessidade em ter repórteres no local?

Todas as secções precisam de jornalistas no local mas, no caso do *Correio da Manhã*, as secções de *'Portugal'* e *Sociedade* são talvez as de maior peso e, pelo esforço de proximidade com os leitores, é imprescindível ter equipas no terreno. Também o *'Desporto'* o exige.

- Sente que o papel do jornalista é o mesmo que há uns anos atrás?

Hoje em dia ser jornalista é muito diferente. Tem de haver uma capacidade de resposta mais versátil e grande capacidade de adaptação. No caso do *Correio da Manhã*, um jornalista precisa de competências também televisivas e saber trabalhar para o online. É um trabalho mais exigente mas, quando se é bem sucedido, também é mais compensador.

- O que é ser jornalista?

Ser jornalista é um ser observador, com capacidade de escrita e argumentação. Hoje em dia também tem de ser muito rápido e capaz de saber lidar com programas técnicos, backoffices, programas de montagem e edição. Saber perguntar e responder. E arranjar histórias próprias relevantes, que interessem às pessoas. E saber gerir essa informação sobre a forma e o tempo de divulgação.

- O jornalista é um multifunções? Se sim, acha que tem tempo para estar em todos os meios e ainda, aprofundar os acontecimentos em causa?

Sim, cada vez mais é um multifunções. Os tempos exigem-nos e, no caso do *Correio da Manhã*, ainda mais até porque a CMTV trabalha em complemento. É um desafio constante e, sim, há o risco de a rapidez e o imediatismo se sobreporem ao trabalho de fundo. É uma gestão diária que tem de ser feita em permanente comunicação com as chefias centrais, que devem ajudar na definição de prioridades.

Entrevista a jornalista Sara Carrilho

- Há quantos anos trabalha no *Correio da Manhã*? Qual o cargo que ocupa?

Trabalho no *Correio da Manhã* há três anos e seis meses. Jornalista na secção 'Portugal'.

- Trabalhou alguma vez na secção do jornal impresso? Em qual?

Sim, na secção 'Portugal', que trata casos de crime e justiça no país e/ou casos que envolvem cidadãos de nacionalidade portuguesa.

- Do que observa, quais as secções com mais necessidade em ter repórteres no local?

No *Correio da Manhã*, o jornalismo praticado passa muito pela investigação e trabalho no terreno como tal, todas as secções necessitam de jornalistas no local, excetuando talvez o 'Mundo', pois através de agências noticiosas nacionais e internacionais e outros meios de comunicação conseguimos ter acesso a toda a informação necessária para a elaboração da notícia.

- Sente que o papel do jornalista é o mesmo que há uns anos atrás?

O papel do jornalista está em constante mutação, ao longo dos anos e com as cada vez mais ferramentas que existem [plataformas digitais, 'citizen journalism' (quando são os próprios leitores a divulgar a história em questão, com respetivo envio de fotografias e vídeos)] e por isso não o papel do jornalista atualmente não será o mesmo que há anos atrás.

- O que é ser jornalista?

Ser jornalista é procurar a verdade, informar com todo o rigor, seja em que área for. Esse é, acima de tudo, o papel do jornalista. Hoje em dia o jornalista tem de ser estar preparado para trabalhar em todas as plataformas[rádio, televisão, imprensa e 'online']; e conseguir desempenhar todas as funções o mais rápida e rigorosamente possível, porque a informação circula à velocidade da luz.

- O jornalista é um multifunções? Se sim, acha que tem tempo para estar em todos os meios e ainda, aprofundar os acontecimentos em causa?

O jornalista tem de desempenhar várias funções. Tal como referido na resposta anterior, tem de estar preparado para as várias plataformas, de modo rápido, direto e rigoroso. Produzir para todos os meios não pode nunca descurar o rigor de aprofundar os assuntos. Numa primeira fase, por exemplo, para uma plataforma online, pode avançar com um lead sucinto, mas com posterior aprofundamento do tema em questão, a fim de averiguar todos os pontos da história que se quer transmitir.

Entrevista a jornalista Magali Pinto

- Há quantos anos trabalha no *Correio da Manhã*? Qual o cargo que ocupa?

Trabalho no *Correio da Manhã* há seis anos e sou repórter da secção 'Portugal'.

- Trabalhou alguma vez na secção do jornal impresso? Em qual?

Atualmente trabalho na secção 'Portugal', mas sempre trabalhei no jornal impresso.

- Do que observa, quais as secções com mais necessidade em ter repórteres no local?

Na minha opinião a secção 'Sociedade' é a que necessita de mais repórteres por ser uma secção com assuntos diferentes e abrangentes.

- Sente que o papel do jornalista é o mesmo que há uns anos atrás?

Acho que o leitor, no caso dos jornais, está cada vez mais exigente é por isso, que se torna urgente tratar a notícia com muito mais rapidez e qualidade. Há muitos jornais, rádios e televisões e por isso, temos de ser mais eficazes para servir quem conta com o nosso trabalho.

- O que é ser jornalista?

Ser jornalista é mostrar o mundo como ele é, descrever, informar, atualizar. Atualmente temos muita informação ao nosso dispor, mas saber não é o mesmo que informar, que dar a notícia. Jornalismo é atuar e mostrar o país e o mundo sem rodeios e medos. É denunciar o que está errado e porque está errado.

- O jornalista é um multifunções? Se sim, acha que tem tempo para estar em todos os meios e ainda, aprofundar os acontecimentos em causa?

O jornalista tem de ser flexível e utilizar todos os meios que tem ao seu dispor. O jornalista não pode ter medo da mudança ou da novidade, devendo utilizar e aproveitar todos os recursos que tem ao seu dispor. No entanto, sem nunca descurar a verdade e a confirmação.

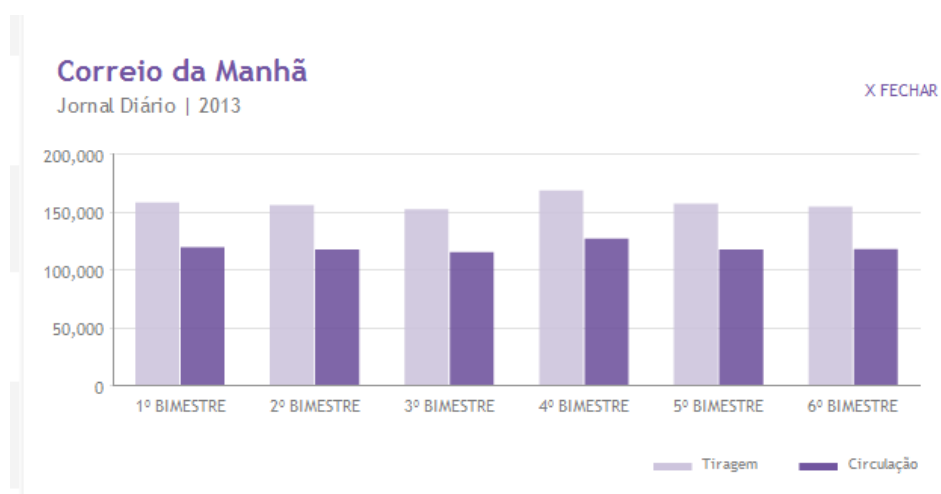
Gráficos

1. Leitores:

Jornal	mar/mai 13	set/dez 13	variação
Correio da Manhã	1114 <small>(leitores em milhares)</small> 13	1297 <small>(leitores em milhares)</small> 15,1	183 2,1
Jornal de Notícias	980 <small>(pontos de audiência)</small> 11,4	1069 <small>(pontos de audiência)</small> 12,5	89 1,1
Record	842 9,8	858 10,0	16 0,2
A Bola	835 9,7	844 9,9	9 0,2
Expresso	680 7,9	632 7,4	-48 -0,5
Visão	593 6,9	562 6,6	-31 -0,3
O Jogo	537 6,3	560 6,5	23 0,2
Público	489 5,7	490 5,7	1 0
Sábado	397 4,6	416 4,9	19 0,3
Diário de Notícias	386 4,5	389 4,5	3 0

Fonte: BAREME IMPRENSA MARKET

2. Tiragem e Circulação:



3. Tráfego online:

Setembro de 2013						Medição <i>site-centric</i> padronizada de tráfego de sites					
Editores/Grupos*	Visitas**	Ord	Gráfico	Page-Views	Ord	Gráfico	PV/Visita				
Sapo (+)	71737451	1		390566104	1		5,44				
Cofina (+)	37486950	2		252843373	2		6,74				
Controlinveste Conteúdos (+)	27371712	3		106022621	4		3,87				
Media Capital (+)	19889680	4		129438423	3		6,51				
RTP (+)	6743690	5		23231939	5		3,44				
Motorpress (+)	1900030	6		6284821	7		3,31				
Impala (+)	697804	7		9526798	6		13,65				

* Análise do tráfego auditado, por Editores/Grupos que aderem à sua publicação.
 ** Visitas desduplicadas: O acesso, num mesmo período a páginas de dois ou mais sites do mesmo Grupo, contabiliza uma Visita ao Grupo.

Entidades Web	Visitas	Ord	Gráfico	Page-Views	Ord	Gráfico	PV/Visita
Sapo (Home Page e Serviços) *	42523587	1		236955733	3		5,57
A Bola	38229466	2		258485273	2		6,76
Record	23529009	3		157321438	4		6,69
OLX	15625494	4		300561750	1		19,24
Público	11858733	5		46442214	6		3,92
Correio da Manhã	10496989	6		66773506	5		6,36
Jornal de Notícias	9961061	7		34209049	8		3,43
O Jogo	9301445	8		35792459	7		3,85
Expresso	7473513	9		32377765	10		4,33
RTP	6743690	10		23231939	14		3,44
TVI	6499300	11		25719476	13		3,96
Diário de Notícias	5919602	12		17109445	19		2,89
Mais Futebol	5564266	13		22593221	15		4,06
Jornal de Negócios	4905181	14		12669749	22		2,58
IOL (Home Page e Serviços) **	4626697	15		28725210	12		6,21
Sapo Desporto	4247147	16		20968116	18		4,94
Auto Sapo	4153191	17		13397063	21		3,23
Económico	3516044	18		8609751	30		2,45

1. Atualidades e aberturas

GUINE ■ PASSAGEIROS PROCURAM ALTERNATIVAS A SUSPENSÃO DE VOOS DA TAP

Arriscam viagem perigosa para celebrar Natal



■ Portugueses fazem 964 km de carro para conseguirem chegar a Lisboa. TAP volta a voar em breve para Bissau

■ ZAHRA JIVÁ/PAULO JOÃO SANTOS/
/PAULO PINTO MASCARENHAS

Grupos de portugueses residentes na Guiné-Bissau fizeram-se ontem à estrada rumo a Dakar. Objetivo: apanhar o avião para Lisboa na capital senegalesa. São 964 quilómetros por caminhos sinuosos, quase 13 horas de viagem. A TAP, que suspendeu quarta-feira os voos para Bissau, na sequência das ameaças à tripulação de uma aeronave que recusava transportar 74 sírios com passaporte falso, criou duas alternativas para quem tinha viagem marcada: voar na

Air Senegal (para Dakar) ou na Air Marrocos (para Casablanca) e daí apanhar o avião para Lisboa. Isto enquanto a suspensão não é levantada, o que deverá acontecer em breve, ao que apurou o CM. Mas houve portugueses que, temendo não chegar a tempo de celebrar o Natal com as famílias, juntaram-se e, amanhã cedo, tomaram o caminho de Dakar. “É seguro viajar da Guiné até ao Senegal. O problema é atravessar a fronteira, devido à guerra separatista”, revelou ao CM o major Daba.

Os que preferiram esperar por alternativas instalaram-se em hotéis – o Coimbra foi o mais

procurado – e aguardaram por informações. “Os voos estavam cheios de 17 a 23 de dezembro, o bilhete está comprado, só nos resta esperar”, disse ao CM uma cidadã portuguesa. Amanhã, a TAP vai fazer um voo extraordinário para Dakar, onde tem um avião fretado à Air Senegal para assegurar a ligação a Bissau. Fica resolvida a situação dos que tinham voo marcado para ontem e amanhã, mas muitos portugueses (há cinco mil cidadãos com passaporte português na Guiné-Bissau) continuam sem saber quando viajarão para Lisboa. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO
da manhã



Fonte: Elaboração própria

CACÉM ■ FORAM OS VIZINHOS QUE ALERTARAM OS BOMBEIROS

Bebé em estado grave após queda

■ A mãe da criança de dois anos não se apercebeu logo que a filha tinha caído do 2.º andar

● ZAHRA JIVÁ

Uma criança, de dois anos, caiu antecorrem de segundo andar de um prédio na Cacém. A queda deu-se quando a família estava a preparar um jantar para outros.

A mãe atendeu com um banga não reparou na altura um sofá encostado à parede e janela aberta. A criança, que estava a brincar em cima do sofá, acabou por cair da janela. Eram cerca das 18h00, quando uma vizinha que estava à janela se apercebeu de que algo teria caído no passeio. Quando reparou que era uma menina, a vizinha correu em socorro e viu que a



criança estava de barriga para baixo e sangrava da boca. Por serem uma família recente no bairro, ninguém sabia quem seriam os pais. Os vizinhos chamaram a ambulância e aguardaram a chegada do INEM, não deixando

"A menina estava a gritar muito", disse a vizinha Carla Pinto. Mais tarde, foi transportada para o Hospital S. Francisco Xavier, onde se encontrava em estado grave. ■

FECHO

'OPERAÇÃO MERCÚRIO' 48 mil fiscalizados

■ A GNR controlou 48 622 condutores na sexta-feira, em todo o País. Duas pessoas foram detidas por condução com uma TAS superior a 1,2 g/l. No total, estiveram envolvidos 274 militares na operação de fiscalização.

USINA

Envolvimento

Investigação

Detalhes

Contexto

Conclusão

Resumo

Notas

Referências

Links

Imagens

Áudio

Vídeo

Comentários

Tags

Avião mata lusa em lua de mel

■ Solange Pinheiro, analista financeira, é a sétima vítima portuguesa da queda. Tinha casado há uma semana e regressava a casa. Deixa filho bebé

● MAGALI PINTO/ZAHRA JIVÁ

Solange Gouveia Pinheiro é a sétima vítima portuguesa da queda na Namíbia do voo TM470, que ligava Maputo a Luanda. Tinha dupla nacionalidade luso-angolana e regressava a casa, com o marido João Marques, de uma lua de mel em Moçambique. Morreram na sexta-feira, depois de o avião se despenhar. Deixam um filho bebé.

O casamento da analista financeira e do funcionário do Banco de Poupça e Crédito de Luanda foi a 23 de outubro, dia de aniversário da noiva. Solange

junta-se a Luís Fernandes, Bernardo Soares, Sérgio Soveral, António Soares Nunes, António Silva Nunes e José Carlos Soares, os seis empresários portugueses mortos na queda a pique do avião num parque namibiano.

Na lista de passageiros, a que o CM teve acesso, Solange foi registada como angolana. Antecorrem, o secretário de Estado das Comunidades dava conta da existência de mais um português no avião. Isto por que o consulado de Portugal em Angola recebeu a indicação de que havia um passageiro com nacionalidade angolana e portuguesa, que se veio agora a sa-

✚ PORMENORES

● **DECLARAÇÕES**
Algumas das famílias portuguesas já escolheram um representante legal para o contacto com a polícia.

● **ENVIO DE ESPECIALISTAS**
Chegam hoje à Namíbia dois peritos do Instituto Nacional de Medicina Legal para colaborar na identificação dos corpos das vítimas portuguesas.

● **AVIÃO COM 1 ANO**
O avião foi adquirido há um ano. A LAM foi banida de voar na Europa e foi obrigada a renovar a frota em 2011.

ber ser Solange Pinheiro. A trasladação dos corpos dos portugueses deve ocorrer esta semana. As Linhas Aéreas de Moçambique já afirmaram que vão assegurar todas as despesas de repatriamento dos restos mortais das vítimas portuguesas. Durante o dia de ontem foram feitas as análises de ADN e alguns reconhecimentos forenses. Recorde-se que a polícia de Kavango, local onde foram encontrados os destroços do avião, tinha já antecorrem recolhido todos os restos mortais. A polícia também já recuperou as caixas negras e os gravadores de voz, que agora vão ser fundamentais para se perceber o que levou o avião a despenhar-se. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO
da Manhã

vamos morre

■ Mikhail Kodja sequestrou família em restaurante, fez explodir granadas

● HENRIQUE MACHADO/
/JOÃO TAVARES/ ZAHRA JIVÁ TEXTOS
VÍTOR MOTA FOTOS

Sentou-se à mesa, comeu um pudim e foi bebendo uísques. Dois. O terceiro copo, que chegou quando já não havia outros clientes no Refúgio, restaurante no Pinhal Novo, Palmela, ficou intacto. Era altura de Mikhail Kodja se levantar, pelas 22h00 de anteontem, e apontar uma arma aos proprietários, Gaspar Veloso, a mulher e os dois filhos. “Todos contra a parede. Tenho um problema de saúde, vou morrer e preciso de dinheiro.” Exigiu 50 mil euros.

As sete horas seguintes foram de terror, até que às 05h15 quinze operacionais de elite, da Unidade de Intervenção da GNR, criaram uma manobra de diversão, com explosivos lançados pela janela, e entraram. Abateram com tiros no peito o moldavo, de 59 anos, antigo elemento das forças especiais soviéticas – exército que representou na guerra do Afeganistão. “Nós vamos todos morrer aqui hoje”, avisara logo ao início – antes de assassinar o militar da GNR Bruno Chainho, 29 anos, e de fazer explodir três granadas, que feriram mais quatro militares e três civis na rua.

Pouco depois de ter começado o sequestro, a filha advogada de Gaspar Veloso – que também é construtor civil e em tempos deu emprego a Mikhail, como pintor – marcou discretamente o 112, que acionou a GNR. Bruno Chainho bateu à porta, as duas mulheres convenceram o moldavo a abrir, na perspetiva

de convencer a GNR de que estava tudo bem, mas o jovem militar percebeu, puxou mãe e filha para a rua – mas levou um tiro no peito e ficou ele sequestrado.

O sequestrador algemou pai e filho com pulseiras de plástico, mas Gaspar Veloso conseguiu soltar-se, agarrou numa granada – que ficou sem a cavilha de

Comeu pudim e bebeu dois uísques, até que exigiu 50 mil euros

segurança – e correu para a rua, causando uma explosão sem feridos. O filho também escapou. Ficaram no restaurante Mikhail e o militar, que acabou por morrer. E o primeiro atirou para a rua duas granadas. Uma não explodiu; a outra fez os sete feridos ligeiros. Seguiram-se horas de negociação, sem sucesso. Só falou com um amigo. A GNR entrou, o sequestrador disparou – com a pistola Glock do militar morto – e foi abatido a tiro. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CONHEÇO
oalmantã

■ Unidade de Intervenção montou perímetro de segurança



OS PROTAGONISTAS

■ Sequestrador, vítima, testemunha e militar



■ MIKHAIL KODJA, 59 anos, nunca teve problemas com a Justiça portuguesa até à noite de anteontem.



■ GASPAR VELOSO viu-se sequestrado, com a mulher e filhos, no seu restaurante. Conseguiu fugir.



■ JORGE GOULÃO, tenente-coronel da GNR, foi fazendo o balanço do incidente aos media.

LISBOA ■ CASAL ENGANOU 44 PESSOAS E JÁ FOI CONDENADO A PRISÃO

Burla deixa reformada com dívida de 100 mil

■ Mulher de 61 anos sofre de Parkinson e está internada. Conta da reforma está congelada

● ZAHRA JIVÁ/SARA G. CARRILHO

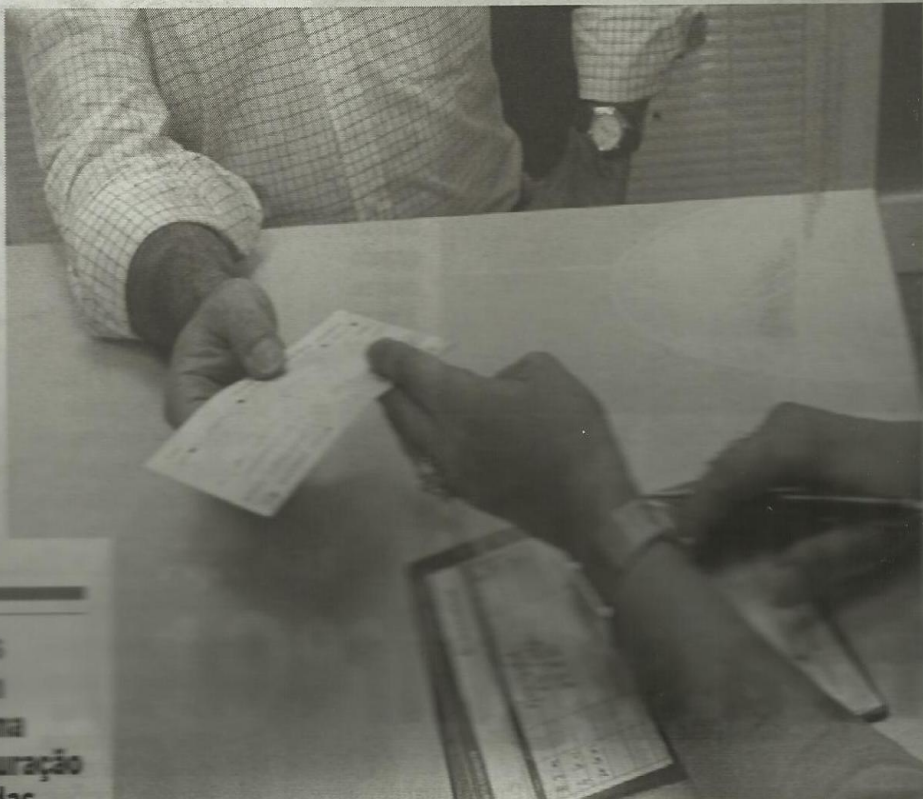
Reformada por invalidez por sofrer da doença de Parkinson, uma mulher de 61 anos acreditou nas promessas de Carla Sandra Alves e Paulo José Alves, que conheceu através de um anúncio. Acabou burlada. O caso ocorreu há sete anos, os burlões já foram condenados - mas até hoje a vítima continua com dívidas no valor de 100 mil euros.

O casal apresentou-se em Lisboa, como sendo de uma financeira que fazia reestruturações de dívidas - ajudam quem tem vários créditos dispersos e já não consegue fa-

zer face aos juros. Como a antiga professora de História tinha alguns créditos optou por contactar Sandra e Paulo. Encontrou-se com o casal e deu-lhes todos os dados que pediram. Mais tarde, percebeu que tinha sido burlada - quando mais credores lhe exigiram pagamento de dívidas.

" Vim a saber que eles se apresentavam como meus familiares e compravam tudo o que queriam", revela a vítima. " Compraram um jipe BMW, fizeram um crédito para uma cozinha e mais quatro créditos que não sei bem

Burlões fingiam ajudar na reestruturação de dívidas



Antiga professora de História confiou em casal, que comprou bens de luxo em seu nome

✚ PORMENORES

● **VIVE NUM LAR**
A vítima está internada há alguns anos num lar que pertence ao Hospital de Santa Maria, situado em Camarate, Loures, onde é acompanhada de perto por profissionais de saúde,

● **DEPRESSÃO**
A vítima sofreu uma profunda depressão, dois anos depois de ter sido burlada, doença do foro mental que a obrigou a ser medicada e acompanhada e que surgiu devido ao terror que viveu.

● **MÚLTIPLOS CRIMES**
Os dois burlões já eram suspeitos de crimes pelo menos dois anos antes de terem atacado a reformada. A mulher foi mais uma vítima a juntar-se, assim, ao megaproc.

de que se confirmou em 2004, a vítima foi condenada a prisão, entre outras coisas, por crimes de fraude e falsificação de documentos. O casal foi condenado a 7 e 8 anos de prisão, respetivamente.

No início deste ano, a vítima recebeu um aviso das Finanças de que a sua conta seria congelada devido a um crédito de 100 mil euros. Era nesta conta que recebia a reforma por invalidez. Internada num lar, devido à doença de Parkinson, tem receio de que mais dívidas apareçam. ■

Destroem e roubam oito lojas numa hora

■ Loja de venda de ouro, outra da ZON, cafés e clínicas foram assaltados e vandalizados

● ZAHRA JIVÁ/ SARA G. CARRILHO

Foram várias as lojas vandalizadas e assaltadas, durante a madrugada de ontem, entre a praça do Movimento das Forças Armadas e a rua Fernão Lopes, em Almada. A PSP de Setúbal confirmou um total de oito lojas atingidas.

Entre as lojas envolvidas estavam dois cafés, ainda uma loja de compra e venda de ouro, a Clínica Não Mais Pêlo, uma clínica de análises e uma loja da Zon. Os assaltos aos estabelecimentos terão ocorrido pelas 04h00 e os proprietários foram alertados cerca de uma hora depois.

Um dos sócios da Clínica Não mais Pêlo, Pedro Cabral, de 33 anos, diz ao CM que “o pior disto é termos as montras e as fechaduras vandalizadas. É aí que gastamos mais dinheiro”. Além de terem vandalizado a clínica, Pedro Cabral diz faltar material informático, telemóveis da loja e cerca de 200 euros em dinheiro.

“Ainda não fiz o inventário com a minha colaboradora. Falta apurar se também levaram o material utilizado na clínica.”

Numa das praças principais de Almada, ninguém viu ou ouviu nada durante a noite. “Acho estranho ninguém ter ouvido



Pedro Cabral, um dos sócios da clínica Não mais Pêlo, lamenta prejuízos e falta de segurança

🔍 PORMENORES

OURIVESARIAS SÃO ALVO

As ourivesarias que estão localizadas na praça têm sido alvo de vários assaltos durante os últimos meses.

MORADORES QUEIXAM-SE Os moradores de Almada queixam-se de um ambiente de insegurança na zona.

nada. Para vandalizarem tantas lojas não levaram pouco tempo e, tendo em conta os estragos, devem ter feito algum barulho”, diz o proprietário ao CM.

Já os moradores da zona explicam que esta é uma situação habitual e não os surpreende. “O problema está na falta de patrulhamento. De dia existem operações Stop e sentimo-nos segu-

“Acho estranho ninguém ter ouvido nada”

Pedro Cabral

ros; à noite isto fica deserto e os miúdos dos bairros aqui à volta aproveitam para destruir tudo. Não é a primeira vez e não será a última”. Há um sentimento de insegurança”, diz ao CM um morador.

Algumas das lojas encerraram mais cedo, depois de terem sido alvos de vandalismo durante a madrugada. A PSP de Setúbal está agora a investigar o caso. ■

Casal ataca à facada e leva táxi a motorista

■ Taxista foi alvo de carjacking em Cascais. Acabou esfaqueado na cabeça e no pescoço

● ZAHRA JIVÁ/JOÃO TAVARES

Um taxista de 44 anos viveu ontem de madrugada momentos de terror quando um casal que o mandou parar o esfaqueou na cabeça, no pescoço e rosto com o objetivo de roubar o carro ao motorista – o que conseguiram, na zona de Cascais. Foi essencial o localizador GPS do táxi da vítima, que, horas mais tarde, permitiu à PSP da Amadora encontrar o carro na Buraca – e prender o casal de assaltantes dentro do problemático bairro Cova da Moura.

O crime ocorreu cerca da meia-noite e, pelas 04h20, foi participado à polícia. Através do GPS, o carro foi localizado, tendo a PSP, depois de chegada ao local, verificado que ninguém se encontrava dentro do táxi. Os agentes recolheram informações essenciais na zona – que lhes permitiram seguir para a rua do Alecrim, no bairro da Cova da Moura, em busca do homem e da mulher procurados. E localizaram-nos no meio de um grupo.

As autoridades recuperaram as chaves do táxi, juntamente com a viatura. Depois, apreenderam as calças que o homem ti-

Assaltante já tinha atacado dois taxistas, em setembro e outubro



Subintendente Luís Pebre, comandante da PSP da Amadora, junto ao táxi recuperado

✚ PORMENORES

DROGA
O casal de assaltantes frequenta a rua do Alecrim, conhecida por ser uma zona de tráfico de droga, onde estaria a utilizar o dinheiro roubado para comprar droga para ambos.

VIOLÊNCIA
A mulher de 35 anos, detida ontem pelo roubo violento do táxi, já tinha apresentado queixa por violência doméstica, por parte do ex-namorado, de 57 anos, ainda em outubro deste ano.

RECONHECIDOS
Depois de a PSP capturar o casal na Cova da Moura, o taxista assaltado foi chamado à esquadra da Amadora para reconhecer os assaltantes – o que fez sem qualquer dificuldade.

nha usado durante o roubo e na sua posse encontraram uma faca ainda com vestígios de sangue.

O homem e a mulher – de 34 e 35 anos – tinham roubado do interior do automóvel 200 euros e dois telemóveis, que foram recuperados, mas ficaram a faltar 130 euros, em notas. O homem já estava referenciado por outros dois assaltos a taxistas – em setembro e outubro. Presentes ao juiz, ele ficou em prisão preventiva até ao julgamento e ela foi libertada, obrigada a apresentações semanais na esquadra. ■

Empresario espancado e morto a tiro

■ Hermínio Costa, 54 anos, surpreendeu assaltantes e tentou defender-se. Dois homicidas já foram detidos

● ISABEL JORDÃO/MAGALI PINTO*

Hermínio Horácio Costa, 54 anos, entrou em casa no bairro Costa do Sol, em Maputo, Moçambique, e deparou-se com pelo menos quatro assaltantes a revistarem-lhe a casa, anteontem à noite. Não hesitou em proteger os bens, mas foi brutalmente agredido, esfaqueado e baleado num ombro. Não resistiu aos ferimentos e morreu no local.

A Polícia da República de Moçambique anunciou ontem a detenção de duas pessoas – uma mulher e um homem, sendo que este tinha sido contratado por Hermínio para ser guarda da casa. A vítima portuguesa estava acompanhada de uma mulher, que está a ser investigada por ter fugido do local após o crime.

Hermínio Horácio Costa residia há três anos em Maputo, onde tinha um negócio de fabrico e instalação de cozinhas. Divorciado e sem filhos, Hermínio partiu para Moçambique na sequência da atual crise na construção civil, que o levou a encerrar as suas empresas de fabrico de cozinhas, em Leiria e na Marinha Grande.

“O negócio dele foi-se abaixo cá e ele partiu à procura de uma vida melhor”, contou ontem ao CMO irmão, Francisco Neves.

Homem “reservado e lutador”, não vinha a Portugal há um ano, mas conversava com regularidade com os irmãos, que re-



■ Hermínio Horácio Costa (foto peq.) estava há três anos em Moçambique. O irmão, Francisco Neves (foto grande), diz que em África “os empresários são os estrangeiros que mais sofrem”

Um dos detidos era segurança na casa da vítima

sidem em Lisboa e Martinela (Leiria).

Em Moçambique, vivia rodeado de seguranças. Os assaltantes arrombaram uma janela para poderem entrar

na casa. A polícia suspeita de que se tratou de uma morte encomendada, com o intuito de se apoderarem dos bens, já que os negócios lhe corriam bem. A casa estava revirada e ensanguentada. ■ COM Z.J.

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO da Manhã



SAIBA MAIS

● **PAÍS EM ANTEPENÚLTIMO**
No Relatório do Desenvolvimento Humano 2013, Moçambique ocupa o 185.º lugar entre 187 países. É o fundo da Ter

● **11,7**
milhões de moçambicanos vivem na maior pobreza, com menos de 1 euro por dia. Há 49,6% nas cidade

● **40%**
de pobres é a meta social fixada para 2014 pelas organizações internacionais que recebem financiamento do G-19

● **ESCOLARIDADE MÍNIMA**
Moçambique tem níveis de escolaridade mínimos, esperança de vida em 50 anos e 10% com sid

■ **Terra natal.** O empresário, Leiria, enquanto estava em Moçambique e a mãe vivem na localidade

Executa mulher

Manuela Santos, 48 anos, foi morta no café de que era proprietária e q

● SARA G. CARRILHO/ JOÃO TAVARES/
/ZAHRA JIVÁ TEXTOS
PEDRO CATARINO FÓTOS

Obcecado pela ex-companheira Manuela Ambrósio Santos, de 48 anos – a quem tinha emprestado 25 mil euros para comprar um espaço comercial – José Henriques, taxista, 50 anos, não aguentou mais os ciúmes nem o facto de a ‘ex’ não lhe pagar o que devia e ainda gozar com ele. Munido de um revólver calibre 0,32 mm, entrou ontem no café da vítima em Alfragide, na Amadora. Em plena discussão, executou-a com um tiro na cabeça. Depois, entregou-se na esquadra da PSP de Alfragide, onde ficou detido.

Foi pelas 08h00 da manhã que o crime ocorreu, quando Manuela Santos abria as portas do café Nelas, na Estrada do Zambujal. “Ele era obcecado pela Manela, mas agora ela gostava de outra pessoa. Ele já dizia há muito tempo que qualquer dia a matava, que dava cabo dela, mas ela não ligava, achava que era a brincar. Eles davam-se bem, saíam algumas vezes, também já se tinham envolvido depois da separação, mas a minha irmã queria estar sozinha e dizia-lhe isso. Ele não andava bem, desde que esteve internado há dois meses. Agora matou a minha irmã”, desabafou Isabel Ambrósio.

“Já dizia há muito que ia matar a minha irmã”

Isabel Ambrósio

Familiares e amigos reuniram-se ontem no local do crime, o café que Manuela explorava desde maio de 2013. Foi o homicida, de quem estava separada há 11 anos, depois de uma relação que durou 14, que lhe emprestou 25 mil euros para comprar o café Nelas. Manuela Santos estava a pagar ao ‘ex’ 400 euros por mês. Mas ao que o CM apurou junto de fonte policial, José Henriques disse que a ‘ex’ não pagava e que se sentia “diminuído” porque gozava com ele sobre a dívida.

O ex-casal tinha uma filha, de

19 anos. Manuela deixa ainda mais dois filhos. “Ontem [anteontem] à noite, estiveram num aniversário e ele estava esquisito. A filha foi-lhe dar um beijinho e ele, que a ama mais do que tudo, afastou-a e disse: ‘sai daqui mais a tua mãe’, contou a irmã. O aniversário terminou por volta das 02h00. De acordo com vizinhos, José Henriques passou a noite à porta de casa da vítima, em Alfragide. Depois seguiu-a até ao café onde a matou a tiro. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO
da manhã



Manuela Ambrósio Santos, 48 anos, dona de café na Amadora



LISBOA ■ VÍTIMA, 53 ANOS, CONSEGUIU VOLTAR COM A AJUDA DO CONSULADO

Família brasileira aterroriza taxista

■ Artur Martins viu-se burlado pela namorada e ameaçado de morte pelo enteado homicida

● ZAHRA JIVÁ/JOÃO TAVARES

Quando, em agosto passado, aceitou ir viver para o Brasil com a namorada de há cinco anos, Artur Martins rapidamente imaginou uma vida de sonho. Estava apaixonado. E para o taxista lisboeta, 53 anos, o único desafio era reencontrar o filho de Leny, que lhes constara ter sido ligeiramente "desenca-minhado". Partiu de coração aberto. Mas o jovem Ralf aos 17 anos revelou-se já um perigoso assaltante e homicida. Transformou, em poucos meses, a vida do português num inferno.

Ameaçado de morte e burlado, neste caso pela própria namorada de 43 anos, só conseguiu regressar a Lisboa, via Rio de Janeiro, com a ajuda do consulado.

"Fui para o Brasil com a Leny por motivos económicos e também para reencontrar o 'nosso' filho". Era assim que Artur tratava Ralf Araújo Santana. O casal instalou-se no bairro de Santa Rita, na cidade de Teixeira Freitas, na Bahia. E viveram sem problemas durante os primeiros meses, até que, "a 26 de outubro, sem estar à espera, soube que o Ralf teria assassinado um homem", conta Artur ao CM. O jovem foi preso pela polícia no dia a seguir.

Ao que o CM apurou junto da Companhia de Ações Especiais da Mata Atlântica, da polícia brasileira, Ralf está já acusado de tentativa de homicídio, 15 assaltos e homicídio consumado.



Artur Martins, 53 anos, conta ao 'CM' os meses de terror que viveu até conseguir sair do Brasil

✎ PORMENORES

● DINHEIRO DO AVIÃO

O dinheiro da passagem de avião, adiantado pelo consulado, terá agora de ser pago ao Estado português por Artur Martins, mal tenha condições.

● PARES DE CALÇAS

Artur Martins, ameaçado de morte pelo enteado, só conseguiu retirar da sua casa no Brasil quatro pares de calças antes de fugir.

Ralf, que não terá gostado que Artur tivesse falado sobre a sua situação na comunicação social brasileira, terá arranjado um telemóvel dentro da prisão, com o qual passou a telefonar e a ameaçar de morte o português.

"Se não saíres de casa vais morrer. Sai já hoje, ou então vais ser encontrado morto." Eram estas algumas das ameaças constantes que fazia. E Artur, com receio de que as ameaças fossem cumpridas - não pelo enteado,

Namorada de há cinco anos tirou-lhe o dinheiro todo da conta

dinheiro da sua conta - cerca de 3000 euros - deixando-o sem nada. Artur só conseguiu voltar a Lisboa a 20 de novembro, com a ajuda do Consulado Português no Brasil. Chegou "sem nada". ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL

COMO

"Fugi sem ter um tostão"

LOURES ■ FUGIRAM COM MAIS DE CINCO MIL EUROS EM DINHEIRO

Gang armado lança terror em empresa

■ Grupo de quatro homens sequestra segurança e funcionários da Rangel Express

● JOÃO C. RODRIGUES/ZAHRA JIVÁ

Armas em punho e gorros passa-montanhas na cabeça, quatro homens invadiram e assaltaram a sede da Rangel Express, segunda-feira à noite, no Prior Velho, Loures. O grupo sequestrou os funcionários e seguranças que estavam a trabalhar e fugiu com mais de cinco mil euros em dinheiro.

Segundo o CM apurou junto de fontes policiais, o gang atacou pelas 21h00, num momento em que já estavam poucos funcionários da empresa no interior das instalações. O grupo surpreendeu o segurança que estava à entrada e, sob ameaça de morte, obrigou-o a conduzi-los ao escritório principal do edifício, onde sabiam que estava o cofre com o dinheiro da empresa. No caminho sequestraram mais duas pessoas, que tiveram as armas apontadas à cabeça.

Os funcionários foram obrigados a revelar o código para abrir o cofre e o grupo armado deitou mão a todo o dinheiro que estava no interior. Depois, fugiram e não mais foram vistos. As vítimas sofreram ferimentos ligeiros em resultado de pancadas com as armas de fogo, mas nenhuma delas precisou de tratamento hospitalar.



RICARDO CAIRAL

🔍 PORMENORES

GRUPO RANGEL

A Rangel Express é uma subsidiária do Grupo Rangel, especializada em logística e transporte de encomendas.

● **CONHECIAM O LOCAL**
As autoridades suspeitam que os elementos do grupo conheciam o local.

As autoridades acreditam que o grupo armado tivesse mais um elemento, que aguardou no carro usado na fuga, estacionado nas proximidades. A sede da Rangel Express, na rua Severiano Falcão, fica localizada numa zona industrial. Nas empresas à volta ninguém se apercebeu do assalto antes da chegada da PSP, que entretanto foi

Objetivo, conseguido, era chegar ao cofre nas instalações

chamada ao local.

Por envolver armas de fogo, a investigação a este roubo violento já transitou para a alçada da Polícia Judiciária de Lisboa.

O CM tentou ontem obter esclarecimentos adicionais sobre o caso junto da empresa assaltada, mas não obteve qualquer resposta. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO
da Manhã

Idosa vive terror em roubo a casa

■ Maria Ascensão, 85 anos, foi surpreendida por três assaltantes, que a trancaram na sala

● ZAHRA JIVÁ/JOÃO TAVARES

Maria Ascensão Silva, de 85 anos, estava em casa, na rua Fernão de Magalhães, na Brandoa, Amadora, quando foi surpreendida por três homens encapuzados e com luvas. “Vão-se embora, não tenho nada, filhos”, disse Maria Ascensão aos homens que a prenderam na sala, enquanto revistavam o quarto.

Os assaltantes acabaram por encontrar uns brincos no valor de 200 euros – único bem que conseguiram levar da casa.

Um dos homens ficou com a vítima na sala, tapando-lhe a boca para a calar, e os outros dois procuraram por dinheiro e ouro.

Maria Ascensão resistiu às ameaças: “Gritava para que me ajudassem, quando retiraram um trapo e colocaram um líquido, acho que era éter. Mas como não tenho olfato, não me fez nada”, contou ao

CM. A vítima, que tinha consigo o telemóvel, conseguiu contactar o filho e disse-lhe que estava a ser assaltada.

Neste espaço de tempo, os homens fugiram e quando a neta, Cláudia Rodrigues, de 32 anos, chegou a casa da avó, encontrou-a presa na sala e em estado de choque. Maria Ascensão conta que se sentia

“Vão-se embora, não tenho nada, filhos”

Maria Ascensão

observada e que acredita que foi alguém da rua a fazer o assalto. Com medo de represálias, preferiu não dar a cara. ■

Morre em campo a jogar futsal

■ Engenheiro, de 32 anos, sofreu uma paragem cardíaca e caiu inanimado no chão

● ANA BOTTO/ZAHRA JIVÁ

Ojogo de futsal do Académico Clube de Ciências, do Lumiar, do passado domingo, já ia a meio da primeira parte e Nuno abandonava o campo – no pavilhão do Centro Social Ribamar, na Lourinhã – quando sofreu um colapso e caiu inanimado no chão.

Nuno Figueiras, engenheiro informático, de 32 anos e natural

dos Açores ia ser substituído em campo, pelas 18h30, num jogo a contar para a 1ª Divisão de Honra de Lisboa, quando foi vítima de uma paragem cardiorrespiratória. Teve morte súbita. Apesar do choque, os colegas de equipa tentaram reanimá-lo até à chegada do INEM, mas quando a equipa de Suporte Básico de Vida chegou, já nada havia a fazer.

Nuno que recebera a alcunha de ‘Açor’, que fazia jus à sua naturalidade, era descrito pelos

amigos como um “jovem saudável de quem era fácil gostar”, revelou um amigo ao CM: “Unia a forte paixão pelo desporto a uma amizade que ia muito além do futsal.”

Nuno ia ser substituído quando teve um colapso cardíaco

O trágico acidente deixou em choque o Académico Clube de Ciências, criado por antigos alunos da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e a Associação de

Futebol de Lisboa, que já lamentou o sucedido. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO
da manhã

Polícias salvam homem da morte

■ **Motociclista parou no tabuleiro e tentou saltar para o Tejo, mas foi resgatado pela PSP**

● ZAHRA JIVÁ/JOÃO C. RODRIGUES

Eram 10h00 quando os dois agentes da PSP se aperceberam da presença de um homem na Ponte 25 de Abril, no sentido Lisboa-Almada, do lado de fora da proteção da ponte, a olhar para baixo. Rapidamente saíram do carro-patrolha, foram ter com o homem e evitaram um salto de 70 metros para a morte.

O homem, de 34 anos, que se

deslocava num motociclo por trabalhar como estafeta, continuava muito nervoso, apesar dos esforços dos agentes para o acalmar. Já com o homem em segurança, os agentes mandaram parar uma ambulância que atravessava o tabuleiro da ponte. O motociclista recebeu assistência imediata, mas como continuava muito agitado foi levado para a Unidade de Psiquiatria do Hospital Garcia de Orta, em Almada.

Antes de os agentes salvarem

o homem, já a condutora Rita Melo, 37 anos, tinha alertado as autoridades. “Estava a passar quando vi um homem com uma

perna do lado de fora da ponte. Estava muito pensativo. Liguei logo para o 112, mas não consegui parar para o ajudar”, disse ao CM, esclarecendo que o homem encostou a mota vermelha à via da direita. Após al-

gumas horas no hospital, onde foi medicado com calmantes, o homem teve alta e foi levado para casa por um familiar. ■

Autoridades conseguiram travar salto de 70 metros de altura

Very light fere menor na praia

■ **Menina de 13 anos divertia-se com a família na Passagem de Ano quando foi atingida**

● ZAHRA JIVÁ / JOÃO TAVARES

Uma criança de 13 anos foi atingida por um very light (fogueto luminoso e colorido disparado de uma pistola e utilizado como sinal), tendo ficado com graves queimaduras nas pernas, na noite da Passagem de Ano, na praia da Poça, em Cascais.

No momento da celebração, perto da meia-noite, um grupo

de pessoas resolveu festejar a entrada no novo ano com o lançamento de um very light, sem qualquer atenção às pessoas que estavam à volta e sem nenhum tipo de cuidados.

A menina que estava a comemorar com os familiares na praia acabou por ser atingida nas pernas.

A vítima está fora de perigo, mas ficou com graves queimaduras na zona das pernas. Mais tarde, foi para o hospital de Cascais, mas teve de ser transportada para o Hospital Dona

Estefânia, em Lisboa, para a unidade de queimados.

A criança ficou internada no Hospital Dona Estefânia, onde espera para ser operada.

A menina foi a única vítima neste incidente, apesar de estarem mais pessoas na praia da Poça, para a Passagem do Ano.

A PSP tomou conta da ocorrência, mas como a família da rapariga vive na zona de Alcabideche, a investigação passou para a alçada da GNR. ■

Operada por ter sofrido queimaduras graves nas pernas

"É uma dor muito

■ Pai de Catarina Soares desespera por notícias no areal da praia do Mo

● VANESSA FIDALGO TEXTOS*
SÉRGIO LEMOS FOTOS

É uma dor muito, muito grande. Não são palavras, não são atos... É uma dor enorme, que não se compara a nada. Deveria ser eu a estar ali em baixo e não ela. Eu tenho 57 anos, já vivi muito. Ela tinha 22 anos. Ela ainda tinha muito para dar", desabafa, de voz embargada, Vasco Soares, pai de Catarina Soares, jovem estudante da Universidade Lusófona que na madrugada de domingo foi atirada, junto com mais seis colegas, pelas ondas na praia do Moinho de Baixo, em Alfarim.

Os amigos da família vão chegando ao longo de todo o dia, proferindo palavras de consolo e solidariedade para com o pai enlutado. A mãe, Fernanda, e o irmão, Gil, estão dentro das tendas que a Proteção Civil montou para apoiar as famílias. Não conseguem sair e encarar o mar que lhes roubou Catarina. Vasco, pelo contrário, não desvia o olhar das ondas. "Só quero agora que me devolva a minha menina. É tudo o que eu quero. Para poder avançar com a minha vida", justifica.

Mas do mar não vêm sinais dos cinco desaparecidos, apesar dos esforços empreendidos nas buscas por mar e por terra. "Ontem ainda se ouviu dizer que tinham encontrado qualquer coisa, uns objetos, mas não será verdade, porque senão já tinham vindo falar comigo para identificar as coisas", explica o pai

da jovem estudante do Barreiro, que frequentava o último ano do curso de Turismo. "As capas foram o mal deles, foi impossível desenhencilharem-se daquilo", lamenta ainda Vasco Soares, que tem recebido apoio das equipas de psicólogos especialmente destacadas para apoiar os familiares das vítimas no local.

Por todo o areal, o ambiente é de consternação. Há flores,



■ Familiares dos jovens desaparecidos não tiram os olhos do mar, à espera de um milagre

"Mal sabiam que estavam a caminhar para a morte"

José Rodrigues

olhos inchados e molhados, abraços condoídos, mas o silêncio é absoluto e apenas quebrado pelo rugido das ondas que se desfazem na areia. Os habitantes da aldeia partilham do sentimento de desesperança que se vai apoderando das famílias. "Ainda os vi a descer para a praia. Mal sabiam que estavam a caminhar para a morte. É triste ter acontecido aqui", afirma José Rodrigues, que apanha pinhas no seu terreno agrícola, nas imediações da praia. O Meco está deluto. ■*COM ZJ

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO
da manhã



■ Esforços. As buscas por terra e por mar (com quatro lanchas, a fragata 'Bartolomeu Dias' da Marinha e o navio-patrulha 'Águia') estenderam-se ontem até ao Cabo Espichel.

■ Após nove dias de buscas, autoridades resgataram mais três cadáveres de raparigas ao largo do Meco. Falta encontrar um corpo

Mar devolve o de três unive



● JOÃO C. RODRIGUES/
/ZAHRA JIVÁ TEXTO
DUARTE RORIZ FOTOS

Quase à mesma hora e no mesmo local, 24 horas depois, o mar devolveu ontem mais três corpos dos estudantes universitários arrastados por uma onda há mais de uma semana no Meco, Sesimbra. Depois de uma, anteontem, as autoridades retiraram do mar os cadáveres de mais três raparigas. Resta encontrar o corpo de Pedro Negrão, única vítima por resgatar.

De acordo com fontes da Marinha Portuguesa, o primeiro corpo foi encontrado pelas 11h00, a cerca de dois quilómetros em frente à praia do Meco. E os outros dois cadáveres foram resgatados duas horas depois, a apenas 300 metros do local do acidente de dia 15. A corveta 'Ja-

levados para a morgue do Hospital de São Bernardo, em Setúbal, para serem autopsiados e identificados. No entanto, sabe o CM, as autoridades ainda não conseguem atribuir uma identidade a cada um dos cadáveres devido ao avançado estado de decomposição.

Só ADN e ficha dentária poderão ajudar à identificação

Aliás, depois de anteontem as famílias das vítimas terem sido chamadas à morgue para fazer os reconhecimentos – sem sucesso –, as autoridades estão agora a tentar fazer essa identificação com recurso ao ADN ou às fichas dentárias das vítimas – uma ação coordenada pelo Ministério Público.

As notícias da descoberta dos

✚ PORMENORES

● **TEMPO CONDICIONA**
Os meios utilizados nas buscas por mar e terra são avaliados diariamente em função do estado do tempo.

● **EXPECTATIVA**
As autoridades acreditam que o corpo do único desaparecido deverá ser encontrado nos próximos dias.

● **PRAIA DO MECO**
Algumas famílias continuavam ontem na praia do Moinho de Baixo, no Meco, quando os corpos foram encontrados.

corpos deram um novo alento às famílias das vítimas, que não poderão realizar os respetivos funerais. No entanto, as dificuldades no reconhecimento ainda a provocar mais sofrimento a quem quer fazer o luto.

O processo poderá demorar ainda uma semana devido ao período natalício, um período em que há vários funcionários de férias na Guarda Nacional Republicana Sul do Instituto de Medicina Legal dentária.

As buscas para encontrar o corpo de Pedro Tito Negrão continuam hoje ao mar – a corveta 'Jacinto Cândido' está à tona de fiscalização – e a terra – comissões de Inquirição Marítima e das Comunicações Marítimas e das Comunicações Terrestres de Sesimbra.

NOTÍCIAS
DA EDIÇÃO Nº 1111

BUSCAS SEGUEM A SUL DO MECO

● As autoridades tinham previsto que os corpos deveriam

ESPERANÇA PARA FAZER FUNERAIS

● As famílias das quatro raparigas esperam que os corpos

SÓ UMA VÍTIMA JÁ FOI ENTERRADA

● Até agora, apenas o corpo de Pedro Tito Negrão

PRAIA DO MECO ■ CINCO ESTUDANTES CONTINUAM DESAPARECIDOS

Pais patrulham

■ Diminuição de meios e suspensão das buscas leva pais a vigiar praia. Autoridade

● ZAHRA JIVÁ/
/MANUELA GUERREIRO TEXTOS
RUI MINDERICO FOTOS

Os familiares dos cinco jovens que continuam desaparecidos na praia do Meco, em Sesimbra, iniciaram uma vigilância pelos próprios meios, depois das buscas marítimas e aéreas terem sido suspensas anteontem. Reuniram-se pela manhã, agarraram em binóculos e andaram pela praia do Meco à procura dos filhos. Joana Barroso, Catarina Soares, Carina Sanchez, Pedro Negrão e Andreia Revéz continuam desaparecidos desde a madrugada de domingo, após terem sido arrastados por uma onda na praia do Meco.

Durante toda a manhã, muitos pais, com gorros, luvas e agasalhos para escaparem do frio, espreitaram por binóculos à procura de sinais dos jovens desaparecidos. O patrulhamento das praias pelas famílias deve-se à diminuição de meios e à suspensão de algumas buscas, devido a condições adversas.

“Os meios estão a ser progressivamente adequados à situação e ao tempo decorrido. Há uma fase mais intensa nas primeiras horas e dias e, à medida que o tempo vai decorrendo, passamos a uma situação de mais patrulhamento e atenção à linha da costa, na expectativa de que o mar devolva os corpos”, explica o comandante Lopes da Costa, da Capitania de Setúbal.

Para apoiar as buscas marítimas,



“Meios são adequados ao tempo decorrido”

Lopes da Costa

mas, apesar das fortes correntes, esteve ontem disponível, segundo o comandante, “uma corveta da marinha, mais afastada da costa”.

Os pais permanecem unidos na procura dos jovens,

sempre com esperança de os encontrar. Os estudantes desapareceram faz amanhã uma semana. Desde então, os pais mantêm-se no areal de olhos postos no mar. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO da manhã



Pais, de binóculos, procuraram os jovens na praia do Meco

Solidariedade entre famílias

● Apesar da tragédia ter atingido estas famílias, nasceu um sentimento de solidariedade partilhado por todos e que os leva a apoiarem-se mutuamente. A cumplicidade foi ontem visível quando um dos familiares tentou obrigar um outro a alimentar-se: “Tens de comer, nem que seja uma sandes e um sumo. Vais ter de comer”. É assim há uma semana. Na praia do Meco, cuidam uns dos outros. ■

Polícia reconst

■ Sobrevivente, João Gouveia, foi ouvido em estado de choque, mas Polícia

● MAGALI PINTO/ZAHRA JIVÁ

As dúvidas sobre o que estavam a fazer os sete estudantes quando uma onda os arrastou, na madrugada de domingo, vão obrigar as autoridades a reconstituir a noite da tragédia e voltar a ouvir o único sobrevivente. A Polícia Marítima espera apenas que sejam encontrados os corpos dos cinco desaparecidos – Andreia Revéz, Carina Sanchez, Joana Barroso, Catarina Soares e Pedro Tito Negrão – para inquirir novamente João Miguel Gouveia, que continua em estado de choque. Apenas o corpo de um dos jovens, Tiago André, foi encontrado e os colegas não arrendam pé da praia.

Quando teve alta do Hospital Garcia de Orta, em Almada, no domingo de manhã, o sobrevivente da tragédia da praia do Moinho de Baixo, no Meco, em Sesimbra, foi logo ouvido por agentes da Polícia Marítima. Foi o jovem de 23 anos que forneceu os nomes dos amigos e que falou sobre o que aconteceu quando o grupo foi engolido pelas ondas. No primeiro testemunho, o jovem referiu que nunca ficou sem pé, mas que “uma forte corrente começou a afastá-los da areia”.

O comandante Lopes da Costa do porto de Setúbal adiantou que quando foi ouvido pela primeira vez “o jovem estava em estado de choque”. “A informação que nos chegou é a de que os jovens estavam todos juntos, sentados, muito próximos da zona de rebentação.

Uma onda acabou por levá-los. O jovem que deu o alerta acabou por sair para a areia e, ao não ver os amigos, fez a chamada a avisar o que se tinha passado”, disse ao CM o responsável.

O grupo de sete jovens estava no fim de semana secreto da Comissão Oficial das Praxes Académicas, para organizar as praxes e eventos para o ano de 2014.

Amigos e familiares não se cansam de olhar para o mar que arrastou amigos



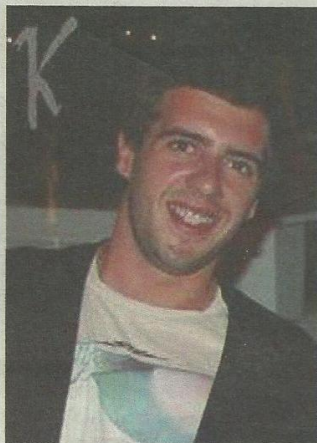
O grupo era composto por um representante de cada curso da Universidade Lusófona, que ar-

rendou uma casa em Aiana de Cima, perto de Alfarim e da Aldeia do Meco. No sábado, os jovens foram vistos a fazer um churrasco na moradia. À noite, seguiram trajados para a praia. No areal ninguém os

viu e o que aconteceu continua por apurar. A Polícia Marítima quer “perceber os detalhes”. ■

NOTÍCIA EXCLUSIVA DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO da manhã



João Gouveia, de 23 anos, sobreviveu à tragédia

‘Dux’ é o líder da Comissão Oficial de Praxe

● João Gouveia, 23 anos, é o ‘Dux’ da Comissão Oficial das Praxes Académicas, da Universidade Lusófona, em Lisboa – este simboliza o expoente máximo das praxes. João Gouveia é considerado o líder, o chefe. O jovem foi eleito pelos seus colegas veteranos da Comissão de Praxe para ocupar a oposição ‘Dux’. Está a ser apoiado por diversos amigos da Universidade Lusófona. ■

DIREITOS RESERVADOS

ESIMBRA ■ SOBREVIVENTE JÁ RECEBEU UMA NOTIFICAÇÃO PARA TESTEMUNHAR

Procuradas mais te

Famílias acreditam que pelo menos outro jovem estava no Meco. A casa em Alfari

ZAHRA JIVÁ/MAGALI PINTO

Os familiares das seis vítimas mortais da tragédia do Meco adiantam a possibilidade de haver pelo menos mais uma testemunha presente na noite fatídica, a 1 de dezembro, quando os jovens foram arrastados por uma onda na praia do Meco. Carla Rocheta, prima de Joana Barroso, adiantou ao CM que “é preciso apurar quem mais estava na praia – ao que parece estava lá mais alguém”. Mais uma dúvida esclarecer pelo sobrevivente.

A questão foi levantada durante o encontro organizado pelos familiares – anteontem, no qual se comemorou a morte das vítimas que foram homenageadas – sendo que poderá haver mais uma testemunha, também da Comissão Oficial da Inquérito Académica.

Os pais das seis vítimas mortais apontam para um jovem conhecido até ao dia 13 de dezembro confirmou que iria estar na praia no fim de semana. A casa arrendada em Alfari estava também preparada para 12 e não para sete jovens. Como exemplo, foram deixados os talheres. O facto é que também alguns bens dos jovens desapareceram, como as chaves do carro de Pedro Tito Negrão, algumas roupas de Joana Barroso e os de Tiago André Campos. Os bens terão desaparecido após João Gouveia ter limpado e arrastado os bens das vítimas, depois de ser ouvido pela Polícia

“Ao que parece estava mais alguém na praia”

Carla Rocheta



JOÃO MIGUEL RODRIGUES

AS VÍTIMAS



CATARINA SOARES
22 anos



ANDREIA REVÉZ
21 anos



JOANA



TIAGO ANDRÉ

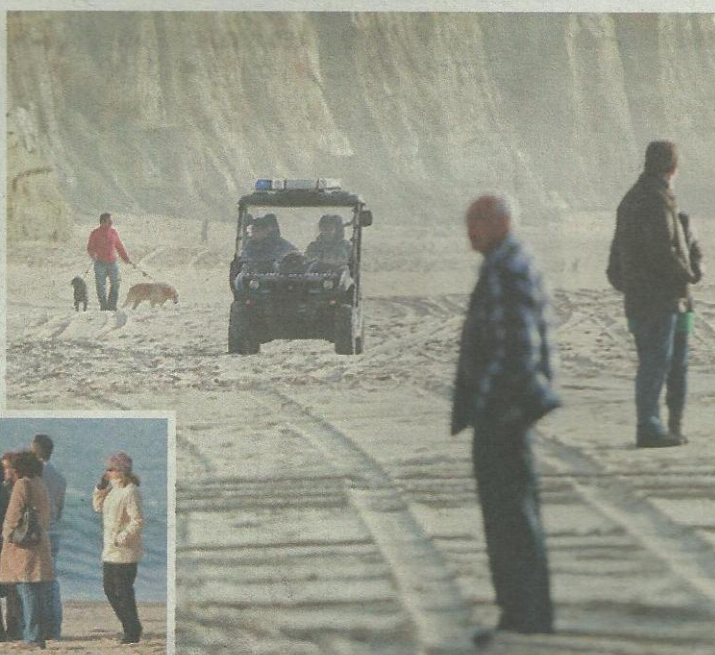
Pelo menos mais um

✚ PORMENORES

● **DESTITUÍDO**
João Gouveia, sobrevivente, foi afastado da liderança da Comissão de Praxes. A deci-

Vítimas
● Os al...
Lusófi...
e na se...
qual se...
as mud...
seis vit...

PRAIA DO MECO ■ CINCO ESTUDANTES CONTINUAM DESAPARECIDOS



■ Damásio Vicente (primo de Andreia, em cima à esquerda), era um dos muitos familiares das vítimas que ontem se reuniram

“Queria vê-la uma última vez”

■ Familiares e amigos criam novo memorial e procuram respostas para o que aconteceu

● ZAHRA JIVÁ/ JOÃO C. RODRIGUES

Decorreu ontem, por terra, o sétimo dia de buscas pelos corpos de Pedro Negro, Catarina Soares, Andreia Revéz, Carina Sanchez e Joana Barroso, na praia do Meco, em Sesimbra.

Apesar das buscas marítimas e aéreas terem sido suspensas há três dias, os familiares não perdem a esperança de encontrar os

cinco jovens. Deslocaram-se ontem à tarde à praia do Meco e voltaram a criar um memorial na areia, no local onde a Polícia Marítima acredita que os sete jovens estariam – recorde-se que um morreu e outro foi resgatado com vida.

Os familiares deixaram fotografias dos filhos com a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Durante algum tempo, os familiares e amigos lamentavam o sucedido e procuravam respostas. Perguntavam aos moradores

que iam passando se teriam visto os jovens. O primo de Andreia Revéz, Damásio Vicente, de 73 anos, estava inconsolável. “Ela

era uma rapariga tão sossegada. Tão simpática. Eu era a única família dela aqui em Lisboa”, explicava enquanto acendia uma vela em homenagem.

“Enquanto o corpo não aparecer não podemos fazer o funeral. Precisávamos de a ver uma última vez”, acrescenta.

As buscas terrestres vão continuar no dia de hoje. ■

Buscas marítimas e aéreas continuam suspensas

DETIDAS PELA PSP DA AMADORA EM CRECHE DA CEBESA POR SUSPEITAS DE MAUS-TRATOS

Tribunal afasta educadoras das crianças

DISCURSO DIRETO



CAPITÃO MARCO CRUZ Porta-voz da GNR sobre a operação Censos Sénior 2014, que visa detetar idosos sozinhos

“Identificámos 28 197 idosos **sozinhos**”

Correio da Manhã – Em que consiste esta operação?

Capitão Marco Cruz

– É a quarta edição da operação Censos Sénior. Um dos nossos objetivos é identificar idosos que vivem sozinhos e/ou em situação de isolamento e atualizar o registo para assim identificar novos casos.

– Quais são as vossas principais preocupações com os idosos?

– As preocupações iniciais são na área de segurança. Levamos a cabo ações de sensibilização para que a população idosa adote comportamentos de segurança para reduzir o risco de serem vítimas de crime. Além da componente da segurança, há também a social. Há muitos idosos em si-



tução de fragilidade de saúde.

– Estão a desenvolver outro programa dentro da operação.

– Estamos a promover a Residência Segura, para motivar o preenchimento de uma ficha de residência que

permite recolher os elementos necessários para elaboração do mapa da região. Se os idosos precisarem de ajuda, é mais fácil.

– Que resultados obtiveram?

– Entre 2012 e 2013, houve um aumento de cerca de 22,6% de idosos nesta situação. Em 2013, identificámos 28 197 idosos a residirem sozinhos e/ou isolados.

– Em que zonas irá decorrer?

– A operação é nacional, vai decorrer em todos os distritos. ■ Z.J.



CAPITÃO MARCO CRUZ porta-voz da GNR sobre operações de Natal e Ano Novo e conselhos para os condutores

“Descansem 15 minutos para beber um café”

● ZAHRA JIVÁ

Correio da Manhã – O que é que está previsto de operações para o Natal e Ano Novo?

Capitão Cruz – Contamos que no primeiro dia da operação, amanhã [hoje], haja uma intensificação no trânsito porque as pessoas começam a ir para as suas regiões de origem. Para tal, a GNR vai intensificar o patrulhamento. Dividimos a operação em duas fases distintas. Durante a primeira, altura do Natal, vão estar presentes cerca de 1476 militares, ligados à componente do trânsito para apoiar os condutores que vão para os locais de residência habituais.

– Qual será a principal preocupação nestas operações?

– Durante estas ações, o patrulhamento vai ser reforçado por outros oficiais que vão estar atentos, essencialmente, ao controlo de velocidade, à habilitação legal para conduzir, à condução sob influência de álcool e de substâncias psicotrópicas, ao cumprimento das regras de trânsito, à não utilização do cinto de segurança e dos sistemas de retenção e, também, à utilização indevida de telemóveis.



– Em que zonas do País vão ser concentradas as operações?

– Vamos patrulhar os principais itinerários a nível nacional. Aqueles caminhos onde sabemos que há mais circulação.

– Quais as causas principais de acidentes nestas épocas?

– As três causas principais são a ingestão de álcool, o excesso de velocidade e a não utilização de cinto de segurança.

– Que conselhos deixa aos condutores?

– Há alguns alertas a fazer: ter atenção às condições técnicas da viatura (luzes, travões, pneus) e também às condições climatéricas. Devem respeitar as regras de trânsito. Para os condutores que vão fazer longas viagens devem parar de duas em duas horas. Não queiram fazer a viagem de uma só tirada. Descansem 15 minutos para beber um café e relaxar. ■

SINDICATOS MARCAM REUNIÕES

PSP EM FÚRIA COM FOLHA DE ORDENADO

● ZAHRA JIVÁ/MAGALI PINTO

A revolta está instalada na PSP depois dos polícias terem descoberto os cortes salariais que vão sofrer já este mês devido ao aumento das contribuições para o seu subsistema de saúde, que passaram de um para 3,5%. “Já tivemos acesso ao recibo de vencimento. Em média, uma pessoa que tenha um salário de 1600 euros líquidos irá perder 206 euros. No caso dos que recebem 1000 perderão 96 euros”, revela indignado Paulo Rodri-

gues, presidente da Associação Sindical dos Profissionais da Polícia. Os sindicatos vão reunir-se amanhã para decidir quais as formas de protesto a tomar. António Ramos, presidente do Sindicato dos Profissionais da Polícia explicou, “todas as

“Vamos receber menos 200 euros”

Paulo Rodrigues

medidas aplicadas aos polícias para 2014 são penalizadoras”. Os representantes sindicais da Polícia adiantaram que o Diretor Nacional da PSP, Luís Farinha, convocou uma reunião com os sindicatos para dia 16 para discutir todos estes problemas. Está igualmente agendado um encontro, dia 21, com o ministro da Administração Interna.

COLISÃO ENTRE DOIS VEÍCULOS

CAVALO À SOLTA PROVOCA TRÊS MORTES

● ZAHRA JIVÁ/ALEXANDRE SILVA

Três mortos e cinco feridos graves resultaram de uma colisão entre dois veículos ligeiros e um cavalo que andava à solta. Poucos minutos antes das 21h00, os condutores foram surpreendidos por um cavalo, na Estrada Nacional 114, junto à Quinta São José da Peramanca, em Évora. Um casal que ia num Volkswagen Polo acabou por morrer no local. Já o outro passageiro que seguia no veí-

culo ficou gravemente ferido. Na outra viatura, um BMW, também uma pessoa acabou por falecer, tendo mais quatro ocupantes ficado feridos com gravidade. O cavalo, que andava no meio da estrada, foi também uma das vítimas deste aci-

Vítimas mortais ficaram encarceradas nas viaturas

Os feridos graves foram transportados imediatamente para o Hospital de Évora. No local, estiveram os bombeiros voluntários de Évora e de Montemor-o-Novo e ainda o INEM. ■